

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS – CARVI  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

PAOLA CÁSSIA RIGO

**APRENDIZADOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DA CRISE  
CAFEEIRA DE 1929**

BENTO GONÇALVES

2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PAOLA CÁSSIA RIGO

**APRENDIZADOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DA CRISE  
CAFEEIRA DE 1929**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientador: Prof. Ma. Simone Fonseca de Andrade Klein

BENTO GONÇALVES

2021

**PAOLA CÁSSIA RIGO**

**APRENDIZADOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DA CRISE  
CAFEEIRA DE 1929**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Orientador Prof. Ma. Simone Fonseca de Andrade Klein  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Prof. Dr. Deonir de Toni  
Universidade de Caxias do Sul

---

Prof. Ma. Rosimeri Machado  
Universidade de Caxias do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço sobretudo a mim, por conseguir concluir e seguir em frente com esta produção, apesar de todas as adversidades que a vida colocou nesta jornada. Não se trata apenas do trabalho, mas de conseguir seguir vivendo de uma forma geral e adaptar-se à nova realidade.

Agradeço aos meus pais Osmani e Elton, que sempre me incentivaram e me fizeram acreditar que eu era capaz, diferenciada e grandiosa. Em especial, ao meu pai Elton Rigo, que sei que lerá essa produção com os olhos mareados de orgulho, pai é pra ti, sempre foi tudo pra ti e enquanto eu estiver viva, te honrarei porque tu sempre foi e sempre será minha inspiração. A minha vó Diamantina que se faz tão presente em seus ensinamentos no meu dia-a-dia, a minha madrinha Bernadete, que foi exemplo de carinho, afeto e amor a minha vida inteira, eu não seria quem sou sem vocês.

Ao meu eternamente paciente e incentivador namorado, João Paulo, que nos meus piores momentos estava lá para me servir chá, improvisar mesas e me fazer desejar mais, um futuro brilhante para nós dois. Vamos compartilhar as alegrias juntos, assim como compartilhamos todos esses anos de luta.

Aos professores maravilhosos que encontrei durante esta caminhada, aos meus colegas de trabalho que sempre me incentivaram a continuar, em especial ao Valdecir, Francine e Gisely, obrigada;

Por fim, agradeço as minhas grandes amigas, presentes que a UCS me deu, Júlia Giovanella e Maiara Villa, por todos os conselhos, explicações, risadas e ombros para chorar, amarei vocês eternamente.

## RESUMO

O período que se decorre no chamado “ciclo do café”, é de extrema importância política, econômica e histórica para o Brasil. O café, por muitos anos geriu a economia brasileira através de sua exportação, de modo a desenvolver amplamente o país para seu escoamento. Com a chegada da crise de 1929, a quebra atingiu o setor cafeeiro brasileiro, que posteriormente se recuperou e readquiriu seu título de maior exportador mundial do produto. Tendo em vista esses fatos, é pertinente entender quais foram as principais mudanças e aprendizados adquiridos pelo setor após a crise e quais as contribuições teóricas decorrentes dessa experiência. Para tanto e a fim de atingir esse objetivo, empregou-se procedimentos metodológicos qualitativos, aplicando-se nível exploratório por meio de estudo de caso, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. A partir dos dados obtidos e da sua devida análise, os resultados encontrados demonstram que o mercado cafeeiro tem muito a contribuir com os demais setores, percebe-se que se trata de um setor altamente cíclico, que superou suas crises através de inovações tecnológicas, biológicas e investimentos em novas formas de consumo, tornando-se espelho para os setores do agronegócio brasileiro e mundial. Desta forma, as contribuições deste estudo estão relacionadas a estes aprendizados, demonstrando que através de diversificação e pesquisa é possível manter-se e superar crises, assim como o setor cafeeiro.

**Palavras-chave:** Crise Cafeeira, Brasil, Internacionalização, Aprendizagem, Agronegócio.

## ABSTRACT

The period that takes place in the so-called “coffee cycle” is of extreme political, economic and historical importance for Brazil. Coffee, for many years, managed the Brazilian economy through its exports, in order to broadly develop the country for its sale. With the arrival of the 1929 crisis, the crash hit the Brazilian coffee sector, which later recovered and regained its title as the world's largest exporter of the product. In view of these facts, it is pertinent to understand what were the main changes and lessons learned by the sector after the crisis and what theoretical contributions resulted from this experience. For that and in order to achieve this objective, qualitative methodological procedures were used, applying an exploratory level through case study, documental research and bibliographical research. From the data obtained and their due analysis, the results found show that the coffee market has a lot to contribute to other sectors, it is clear that it is a highly cyclical sector, which has overcome its crises through technological and biological innovations. and investments in new forms of consumption, becoming a mirror for the Brazilian and world agribusiness sectors. Thus, the contributions of this study are related to these lessons, demonstrating that through diversification and research it is possible to maintain and overcome crises, as well as the coffee sector.

**Keywords:** Coffee Crisis, Brazil, Internationalization, Learning, Agribusiness.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico do valor FOB das exportações de café brasileiro dos cinco principais importadores atuais .....	30
Figura 2 – Mapa conceitual de resultados.....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produção de café do Brasil e das índias Holandesas em sacas de 60 kg. ...	18
Quadro 2 – Etapas da recuperação brasileira pós crise.....	26
Quadro 3 – Números do setor cafeeiro brasileiro 2019 e 2020 .....	29
Quadro 4 – Taxas médias anuais de crescimento do PIB entre 1920-1939 .....	32
Quadro 5 - Quadro resumo da fundamentação teórica .....	33
Quadro 6 – Participantes do estudo .....	39
Quadro 7 – Quadro resumo dos Procedimentos Metodológicos .....	42
Quadro 8 - Resumo da Análise dos Resultados Obtidos .....	53



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	11
1.2	OBJETIVO GERAL.....	13
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
1.4	JUSTIFICATIVA.....	13
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
2.1	PANORAMA HISTÓRICO DA ECONOMIA BRASILEIRA.....	16
2.2	O CULTIVO DO CAFÉ NO BRASIL .....	17
2.3	AS EXPORTAÇÕES DO CAFÉ BRASILEIRO .....	19
2.4	AS SUPERPRODUÇÕES DO CAFÉ BRASILEIRO .....	20
2.5	A CRISE DE 1929 .....	22
2.6	A RECUPERAÇÃO DO BRASIL PÓS CRISE .....	24
2.7	O SETOR CAFEIEIRO NA ÚLTIMA DÉCADA .....	27
2.8	APRENDIZADOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	31
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>35</b>
3.1	DELINEAMENTO .....	35
3.1.1	<b>Natureza .....</b>	<b>36</b>
3.1.2	<b>Níveis .....</b>	<b>36</b>
3.1.3	<b>Estratégias .....</b>	<b>37</b>
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	38
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	39
3.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	41
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>43</b>
4.1	REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ PARA A ECONOMIA BRASILEIRA EM 1929 .....	43
4.2	IMPACTOS DA CRISE DE 1929 PARA A ECONOMIA BRASILEIRA E, EM ESPECIAL, AO SETOR CAFEIEIRO .....	46

4.3	PRINCIPAIS MUDANÇAS IMPLANTADAS APÓS 1929.....	47
4.4	O SETOR EXPORTADOR DE CAFÉ BRASILEIRO ATUALMENTE.....	49
4.5	APRENDIZADOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAFÉ APLICÁVEIS A OUTROS SETORES ECONÔMICOS.....	52
4.6	SINTESE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO FINAL.....	54
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
5.1	IMPLICAÇÕES DO ESTUDO.....	58
5.2	LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS 58	
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO AOS ÓRGÃOS REPRESENTANTES DO SETOR CAFEIEIRO .....</b>	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO ÀS EMPRESAS DO SETOR CAFEIEIRO EXISTENTES DURANTE A CRISE .....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Estima-se que os primeiros relatos sobre consumo de café e seus efeitos estimulantes, tenham sido feitos na atual Etiópia, há pelo menos mil anos. Segundo Santos (2011), a narrativa trata de um pastor que costumava observar suas cabras e, certa feita, constatou que após consumir o grão do café, seus animais passavam a agir mais energicamente, desta forma, decidiu levar o grão a um monge da região. Este último passou a consumir o produto em forma de infusão, logo notando seus efeitos energéticos (SANTOS, 2011). A fama e o consumo do produto logo se espalharam, chegando aos árabes, que foi o primeiro povo a produzir e vender o café de uma forma parecida com a que se vê na contemporaneidade. Rapidamente o costume de consumir café ganhou força na Europa e posteriormente, espalhou-se por todo o globo (SANTOS, 2011).

Atualmente, o café é uma das bebidas mais consumidas mundialmente, sendo o volume de consumo brasileiro o segundo maior, perdendo apenas para os Estados Unidos (ABIC, 2017). Além disso, o Brasil é o maior produtor e exportador de café do mundo, título que carrega há quase 150 anos (CONAB, 2017).

O café chega ao Brasil no ano de 1727, e logo ganha espaço no agronegócio do país. Entre os anos de 1800 e 1929, o café foi a maior fonte de riqueza brasileira, moldando toda a sua economia que, na época, era essencialmente baseada na exportação do grão (CAFEZEIRO, 2001). De acordo com Lima (2004), além de ser o norte da economia brasileira no período, o café também comandava a política, a sociedade e a infraestrutura, conforme se poderá verificar no decorrer do presente trabalho. O auge do ciclo do café perdurou até a crise de 1929, quando a quebra da bolsa de valores de Nova York quase leva o mundo ao colapso econômico (HOBBSAWN,1994). O episódio conduziu a transformações profundas no setor cafeeiro e na economia brasileira que precisou se reerguer com investimentos na industrialização e inovação dos setores (CECAFÉ, 2020). Além disso, tratados internacionais foram assinados para garantir o escoamento do café e a estabilidade de seu preço (BELTRÃO, 2018).

Segundo Neto (2008), o setor produtivo de commodities sempre foi um departamento com poucas alternativas de marketing e inovação, no entanto, o setor cafeeiro conseguiu destacar-se neste aspecto. Através da ABIC (Associação Brasileira das Indústrias de Café), foram criados selos que garantem a qualidade do

produto, além de trazer um diferencial ao produtor brasileiro que transmite confiança e credibilidade (ABIC, 2007). Outrossim, o café passou a ser comercializado em diferentes formas, através da criação das cápsulas que veem abrindo espaço no consumo brasileiro e mundial (PECH, 2019).

Desta forma, esta pesquisa visa identificar a importância do setor exportador de café brasileiro para a economia do país, antes e após a crise de 1929, além de mapear os avanços e mudanças do setor após a crise. Para tanto, este trabalho está dividido em cinco capítulos principais, sendo o primeiro deles esta introdução, a qual conta com delimitação do tema, objetivos geral e específicos, e a justificativa da pesquisa. Na sequência, apresenta-se o embasamento teórico, com focos principais nas fases econômicas brasileiras, dados sobre as exportações de café, informações sobre a crise de 1929, a recuperação brasileira e as evoluções percebidas no setor cafeeiro atualmente. No terceiro capítulo, expõe-se a metodologia utilizada neste estudo, no quarto capítulo apresentam-se os dados coletados através das metodologias apresentadas e discute-se os resultados encontrados. No quinto e último capítulo, encontram-se as considerações finais desta produção.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Segundo dados disponibilizados pela ABIC (2013), estima-se que o café tenha chegado ao Brasil no ano de 1727, através de um oficial português. Ainda colônia portuguesa, o Brasil era fonte de exploração de diversos insumos agrícolas como o Pau-Brasil, a cana-de-açúcar, o algodão e a borracha. Portador de solos adequados para o cultivo do grão, os cafezais começaram a se espalhar pelo país.

No entanto, foi somente após ser declarada a Independência do Brasil em 1822, que a produção do insumo passou a ser expressiva. A partir de então, têm-se relatos de exportações de café (REVISTA CAFEICULTURA, 2018).

No ano de 1845, o Brasil já colhia cerca de 45% da produção mundial do produto, tornando-se a partir da metade do século XIX o maior produtor de café do mundo (REVISTA CAFEICULTURA, 2018). Além do grande volume de exportações, o café trouxe ao Brasil grande crescimento socioeconômico, com ampliação de cidades, estradas, aumento da malha ferroviária brasileira (para facilitar o envio das sacas de café aos portos), geração de empregos, evolução da indústria e da economia brasileira como um todo.

Segundo a ABIC (2013), a partir do ano de 1906 começaram a ocorrer superproduções do grão, existindo mais oferta que demanda. O governo brasileiro conjuntamente aos produtores, implementou defesas e políticas para preservar o preço da mercadoria.

No ano de 1929, a quebra da bolsa de valores de Nova York levou o mundo a uma crise profunda, grande parte dos países já eram dependentes da potência que se tornava os Estados Unidos, o mercado internacional ficou severamente abalado (VALLONE, 2009). Com o Brasil não foi diferente, reféns da exportação de um único produto (o café), e tendo como seu maior comprador os Estados Unidos, a crise atingiu o país em cheio. A produção de café brasileiro que tinha sido superior aos anos anteriores teve seu valor econômico derrubado para um terço de seu valor habitual.

Com o volume de exportações e o valor do café caindo conforme a proporção da crise, foram criados órgãos com a finalidade de escoar, armazenar e conter a produção do insumo. Entre os anos de 1933 e 1944, cerca de cem milhões de sacas de café foram retiradas do mercado pelo governo brasileiro (REVISTA CAFEICULTURA, 2018). A situação alarmante nesse período só veio a ser contida em 1940 com o Acordo Interamericano do Café, assinado pelos Estados Unidos e os então produtores de café latino-americanos. O acordo previa cotas de importações de café anuais por parte dos Estados Unidos, além de suavizar a flutuação do preço do produto.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial, diferentes instabilidades foram criadas e novos tratados internacionais foram feitos para garantir que a economia brasileira continuasse girando (BELTRÃO, 2018). Além disso, a criação de novos órgãos internos que gerenciavam a produção de café como o IBC (Instituto Brasileiro do Café), fundado em 1951 por Getúlio Vargas, garantiram uma maior estabilidade para a economia brasileira e o setor cafeeiro. Controles estes, que existem até os dias atuais.

Desta forma, este estudo tem por intuito responder à seguinte questão: Quais são os principais aprendizados sobre internacionalização a partir da experiência do setor cafeeiro após a crise de 1929?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

A partir da questão de pesquisa supracitada, o objetivo geral do estudo é identificar os principais aprendizados sobre internacionalização a partir da experiência do setor cafeeiro após a crise de 1929.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo geral do referido estudo, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Abordar a representatividade das exportações de café para a economia brasileira em 1929;
- b) Identificar os impactos da crise de 1929 para a economia brasileira e, em especial, o setor cafeeiro;
- c) Mapear as principais mudanças implantadas pelo governo e produtores a partir da crise;
- d) Analisar o setor exportador de café brasileiro atualmente e seus avanços em comparação à realidade de 1929;
- e) Elencar possíveis aprendizados sobre a internacionalização do café aplicáveis a outros setores econômicos.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

A partir do século XVII, a relação do Brasil com o café se torna tão profunda que toda a inovação econômica, social e industrial do país, não seria possível sem a colaboração deste setor. Os imensos rendimentos obtidos pelos chamados barões de café através destas lavouras, levaram ao desenvolvimento da urbanização, ampliação das estradas de ferro, incentivou a imigração de colonos europeus e, até mesmo, refinou a moda e os costumes brasileiros (REVISTA CAFEICULTURA, 2007). Segundo a ABIC (2007), a partir do século acima citado, o café dá o rumo para a história do país, prova disso são os primeiros registros fotográficos do Brasil, que são de lavouras de café paulistanas.

Atualmente, o Brasil segue como o maior produtor e exportador de café do mundo, apesar de sua representatividade para a economia brasileira não ser mais de

dependência. A crise de 1929 representou o final de um ciclo, quando a economia brasileira deixaria de depender da exportação do café para sustentar-se. Incentivos internos para o desenvolvimento da indústria, bem como liberdade dos agricultores para investir na produção de novos insumos agrícolas, possibilitaram ao Brasil uma recuperação, além de grande desenvolvimento interno (BELEDELI, 2019). O café esteve presente e auxiliando na história brasileira, tanto no início como no final de seu ciclo.

O setor cafeeiro empregou no ano de 2019 cerca de 8,4 milhões de pessoas em todo o seu ciclo produtivo. Em contrapartida aos efeitos do COVID-19 nas indústrias e comércio brasileiro, o setor cafeeiro empregou milhares de novos colaboradores para auxiliar na colheita do ano de 2020 (REVISTA COMPRE RURAL, 2020). Segundo dados do CECAFÉ (2020), no ano de 2020, houve um crescimento de 25,8% na produção cafeeira em relação ao ano de 2019. No ano de 2019, o Brasil foi responsável por 30,7% das exportações de café mundial, ou seja, 30% do abastecimento do produto, vêm do Brasil (CECAFÉ, 2020). O principal destino das exportações de café brasileiro ainda é os Estados Unidos que, segundo a Organização Internacional do Café (2020), de janeiro a setembro de 2020, absorveu 18,45% das exportações do grão brasileiro. Neste mesmo período, o segundo maior comprador foi a Alemanha, representando 16,88% das vendas.

Segundo a OIC (2020), o segundo maior produtor e exportador de café mundial é o Vietnã, sendo seguido pela Colômbia, em terceiro lugar. No entanto, o Brasil ainda tem larga vantagem sobre o volume produzido e exportado. Em agosto de 2020, o Brasil exportou 3.257 sacas de 60kg de café, enquanto o Vietnã exportou 1.650 sacas e a Colômbia 1.118 sacas, sendo esses volumes de exportações respectivamente 49,34% e 65,67% inferiores à brasileira. Quanto ao volume produtivo, no ano de 2018, o Brasil produziu 65.131 sacas de 60 kg de café, enquanto o Vietnã produziu 31.683 sacas e a Colômbia 13.858 (OIC, 2020). Estes dados, exemplificam a supremacia brasileira no mercado internacional de café ainda hoje.

Além da significativa importância histórica do café, e da relevância de seus números para o Brasil atualmente, se pode observar grandes aprendizados de internacionalização com base neste caso. No período, ocorreram tratados e reposicionamento internacional, bem como a criação de organizações que representam o setor perante as autoridades. Podendo essa série de evoluções também suscitar melhorias e exemplos a outros setores ainda inexperientes em

contextos de crise, bem como auxiliar no crescimento e posicionamento internacional dos novos modelos de mercados e produtos, criados ou incrementados durante a pandemia.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar um panorama histórico que antecede o plantio de café no Brasil, bem como o princípio de seu cultivo, o início das exportações de café, a chegada da crise de 1929 e a recuperação brasileira perante tal.

### 2.1 PANORAMA HISTÓRICO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Segundo Fraga (1963), pode-se dizer que o período que antecede o Brasil cafeeiro vai desde seu descobrimento até o ano de 1727, quando o grão chega ao solo nacional. Neste intervalo de tempo, a economia brasileira foi sustentada por diferentes setores que eram explorados por Portugal.

O primeiro bem a ser produzido e explorado no Brasil, foi a cana-de-açúcar, produto esse que já era produzido por Portugal em suas outras colônias (BEZERRA, 2020). As primeiras mudas chegaram vindas da Ilha da Madeira e se estabeleceram no norte do país. Portador de solos ricos e férteis, o Brasil logo tornou-se um dos principais produtores de cana-de-açúcar no mundo. No entanto, o acordo com a coroa portuguesa era de que todo açúcar produzido no Brasil deveria ir diretamente à Portugal.

A produção de cana-de-açúcar, não parou de crescer até o início do século XVII, quando Portugal passou a ser governado pela Espanha e o poder sobre o comércio marítimo ficou nas mãos da Holanda. Neste período, a produção de açúcar decaiu. Quando Portugal retomou o poder sobre suas colônias, o Brasil já não era mais considerado um grande produtor de açúcar (BEZERRA, 2020).

Ao contrário do que aconteceu com a Espanha ao chegar aos Estados Unidos, os portugueses não encontraram metais preciosos rapidamente no Brasil. Com o declínio da produção açucareira, o governo começou a organizar expedições para o interior da colônia em busca de pedras preciosas. No ano de 1696, foi encontrada a primeira jazida de ouro na região metropolitana da atual Minas Gerais (FERNANDES, 2020).

Posteriormente, o ouro foi encontrado também nas regiões dos atuais estados de Goiás e Mato Grosso. Estas descobertas ocasionaram uma grande onda migratória para aquela região do país, milhares de portugueses e brasileiros audaciosos foram

em busca do enriquecimento (FERNANDES, 2020). Para controlar a situação, Portugal implementou taxas e limitações para a extração do ouro na colônia, além de órgãos para fiscalizar a mineração.

Este período trouxe inestimável lucro à Portugal e aos brasileiros mineradores, porém, na segunda metade do século XVIII, as minas começaram a se esgotar devido à imensa demanda de extrações (ARAÚJO, 2020). Portugal trouxe novas tecnologias para tentar auxiliar no processo de mineração, porém sem sucesso. No início do século XIX, deu-se por encerrado o ciclo do ouro no Brasil por esgotamento das jazidas. Nessa fase, o país entrou em uma grave crise econômica, que só foi interrompida com o começo das exportações de café, na década de 1880 (ARAÚJO, 2020).

## 2.2 O CULTIVO DO CAFÉ NO BRASIL

Os primeiros relatos de plantio de café na história vieram da Etiópia, porém, o costume de consumir a bebida foi difundido pelos árabes, que logo passaram a produzir e vender o produto. De acordo com Lima (2004), através das vendas árabes o grão foi levado para a Europa por navegadores italianos, alemães e holandeses, e a partir do século XVII, tornou-se umas das bebidas mais consumidas do velho continente. O grão só chegou ao Brasil anos mais tarde, onde o hábito do consumo do café também foi adquirido.

A introdução do plantio de café em terras brasileiras tem seu início bem definido, ao contrário do que ocorreu com os demais insumos agrícolas que eram explorados no país. As primeiras mudas de café foram trazidas pelo sargento Mór Francisco de Mello Palheta em 1727, advindos da Guiana Francesa, onde este tinha estado para delimitar as fronteiras do Brasil e o país vizinho (FRAGA, 1963).

As primeiras mudas foram plantadas no atual estado do Maranhão, porém, nesta região do país seu desenvolvimento não foi de grande representatividade por condições de solo e clima (FRAGA, 1963). No ano de 1760, algumas sementes do grão foram levadas ao atual estado do Rio de Janeiro, onde o café passou a se desenvolver de forma rápida e abundante. Com o preço alto e o aumento do consumo da bebida, os cafezais logo se expandiram para os estados de São Paulo e Minas Gerais. A produção cafeeira não parou de crescer, estendendo-se por boa parte do

território nacional. A produção do grão intensificou-se ainda mais, após ser declarada a independência do Brasil no ano de 1822.

Segundo Fraga (1963), a partir do ano de 1828, o Brasil ultrapassou, em quantidade produzida, o maior produtor de café da época, que eram as chamadas índias Holandesas, atual Ilha de Java na Indonésia. Para melhor exemplificação destes dados, o quadro abaixo visa quantificar a diferença estabelecida da produção brasileira para a concorrente.

Quadro 1 – Produção de café do Brasil e das índias Holandesas em sacas de 60 kg.

ANO	BRASIL	ÍNDIAS HOLANDESAS
1825	201.977	284.000
1826	286.000	384.680
1827	385.000	409.687
1828	400.561	426.722
1829	326.617	288.082
1830	430.463	296.062
1831	604.379	269.092
1832	645.701	306.688
1833	755.852	322.137
1834	758.517	369.296
1835	870.533	478.706

Fonte: Fraga (1963)

Com a declaração da independência e a abolição da escravatura, a Grã-Bretanha passou a pressionar o Brasil para acabar com o mão-de-obra escrava (CAFEZEIRO, 2001). No período entre 1848 e 1857, alguns dos produtores começaram a inserir imigrantes como trabalhadores assalariados, tais como os colonos italianos, alemães, suíços e belgas para trabalharem lado a lado com os escravos nas lavouras de café, o que intensificou ainda mais o volume produtivo. No ano de 1859, o maior produtor do grão ainda era o Rio de Janeiro, com cerca de 78,4% da produção total nacional, seguido por São Paulo com 12,1%, Minas Gerais com 7,8%, e 17% para as demais províncias (FRAGA, 1963). No ano de 1894, o estado de São Paulo, assumiu a liderança na quantidade de café produzido e permaneceu nesta posição até o final do ciclo, no ano de 1929.

A partir do ano de 1880, o Brasil já era o maior produtor de café do mundo, tendo se desenvolvido amplamente para o escoamento do produto até o porto de

Santos, onde a mercadoria era exportada para diferentes locais do mundo. A partir de então, inicia-se o chamado ciclo do café no Brasil (BELTRÃO, 2018).

### 2.3 AS EXPORTAÇÕES DO CAFÉ BRASILEIRO

Desde sua inserção no mercado produtivo brasileiro, em 1727, até o ano de 1815, o plantio de café somente supriu a demanda interna do produto (FRAGA, 1963). Subsequentemente, quando o cultivo passou a crescer exponencialmente e Portugal começou a importar o produto para seu consumo interno, foi que começaram as exportações de café brasileiro (BELTRÃO, 2018).

A data exata da primeira exportação de café é divergente entre os autores. Em matéria publicada junto à Revista Cafeicultura por Beltrão (2018), o autor declara que o primeiro envio ocorreu no ano de 1797, enquanto a CECAFÉ (2020) informa que a primeira exportação ocorreu ainda em 1779, ambas com o mesmo destino: Portugal. Ainda colônia portuguesa, o Brasil já era um grande produtor e exportador de café, no ano de 1806 as exportações do grão já estavam na casa das 20 mil sacas (CECAFÉ, 2020).

Com a declaração da independência do Brasil em 1822, a característica de grande exportador intensificou-se mais ainda. Em 1826, o país já contribuía com 20% das exportações mundiais de café (FRAGA, 1963). No ano de 1840, o Brasil já era o maior fornecedor mundial do grão, sendo responsável por cerca de 70% do abastecimento mundial (GOMES, 2011). Em 1889, ano da Proclamação da República, a produção atingiu 5,586 milhões de sacas de 69 kg. Ao iniciar o século XX, as exportações do produto chegaram a 14,7 milhões de sacas.

A partir de 1831, a representatividade das exportações de café para a economia brasileira chegou a 53% do total, atingindo 75,8% de participação no ano de 1924 (FRAGA, 1963).

Durante o período de 1800 a 1929, o café foi a principal fonte de riqueza do Brasil, ganhando o apelido de “ouro verde brasileiro” (CECAFÉ, 2020). O produto era o mais importante da economia brasileira e o que a fazia girar (LIMA, 2011). Era o café que comandava a política, o valor da moeda, os empregos, o lucro e o consumo. Assim sendo, quando o valor do café ou as exportações decaíam, tudo o que dependia dele, caía também, comprometendo todo o setor econômico (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETTO JÚNIOR, 2009).

Para evitar as flutuações do preço do café, em 1906 foi estabelecido o Convênio de Taubaté, que através de empréstimos internacionais compraria o excedente do grão para manter os preços sempre estáveis. Posteriormente seriam estabelecidos novos órgãos para a proteção integral do produto, afinal, segundo CAFEZEIRO (2001), a partir da década de 1870, o café já se tornava o centro motor do desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

Segundo Fraga (1963), as exportações de café proporcionaram ao Brasil muito mais do que seu lucro propriamente dito. A produção do grão, por parte dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, trouxeram um enorme crescimento econômico para regiões antes pouco desenvolvidas. Foram construídas cidades, estradas, abastecimento de água, iluminação a gás e economias inteiras em função da produção e escoamento do produto (LIMA, 2004). Ainda de acordo a Fraga (1993), até metade do século XIX, as sacas de café eram enviadas ao porto de Santos através de carroças, o que tornava o transporte demorado e exaustivo nas regiões serranas. Para facilitar o processo, a malha ferroviária brasileira foi ampliada, facilitando o transporte e incentivando a produção. Além disso, novos pequenos portos foram criados para escoamento das demandas produtivas.

Em 1922, foi inaugurada a Bolsa do Café de Santos, idealizada para funcionar não somente como uma bolsa de valores, mas também como um banco para incentivar e garantir a produção da commodity (CECAFÉ. 2020).

No âmbito político, pode-se expressar a importância do setor cafeeiro a partir da época conhecida como a “política do café com leite”, quando os grandes produtores de café paulistas e os de leite mineiros, através de um acordo nacional político e econômico, revessavam-se na cadeira de presidente em prol de beneficiar as oligarquias cafeeiras e de leite (ARAÚJO, 2009). Esta estratégia política permaneceu imutável durante todo o período chamado de República-Velha, entre 1889-1930.

## 2.4 AS SUPERPRODUÇÕES DO CAFÉ BRASILEIRO

De acordo com Cabral e Sá (2018), no ano de 1906 ocorreu a primeira superprodução de café. Nesta data, implementou-se um imposto para a produção do grão, equivalente hoje em dia a R\$200,00 por hectare de plantio (FRAGA, 1963). Ademais, o governo dos estados produtores resolveu criar uma política para defesa do preço do grão, desta forma, estabeleceu-se o primeiro órgão regulador dos

produtores de café. Os governos de São Paulo e Rio de Janeiro, através de um empréstimo internacional criaram o que se chamou “Convênio de Taubaté”, que tinha por objetivo comprar o excedente da produção e manter o preço do produto competitivo. O excedente comprado seria vendido novamente em épocas de pouca produção.

Este órgão agiu em 1906 e precisou agir novamente em 1917, desta vez contanto com o apoio do governo federal, quando cerca de 3 milhões de sacas de café excedentes foram compradas. Em 1924, o governo precisou comprar 4,5 milhões de sacas para evitar o declínio do preço do produto, e neste mesmo ano, foi instaurada a lei nº 2004 que garantia uma proteção constante para o setor cafeeiro (FRAGA, 1963). Em virtude disso, o preço do grão seguiu alto, incentivando novos produtores a começarem novas lavouras de café. Por toda a década de 1920, a produção brasileira atingiu 167,3 milhões de sacas, sendo exportadas 137,7 milhões (82,3%) e retida uma sobra de 29,6 milhões (BELTRÃO, 2018). Segundo Fraga (1963), em 1929, com o esgotamento dos fundos para proteção do valor do café e compra dos excedentes, o governo instaurou impostos sobre a exportação, além de taxas para aquisição de café excedente por parte do estado.

Em outubro de 1929, ocorre a quebra da bolsa de valores de Nova York, fato que abalou toda a economia mundial e, conseqüentemente, a produção de café brasileira, onde os impactos sociais e econômicos foram gravíssimos (FIGUEIRA, 2006). O excedente do insumo que até então vinha sendo contido para a fixação dos preços, agora já não tinha mais controle. A crise afetou todo o mundo capitalista, levando à quebra de vários bancos e o fechamento de diversas empresas, desta forma, sem poder recorrer aos empréstimos internacionais para regular o preço do café, ele decaiu, juntamente com a economia brasileira.

Tendo os Estados Unidos como seu maior comprador, o volume de produção em excesso chegou a um patamar insustentável e o preço do grão despencou (BELTRÃO, 2018). A quantidade de café produzida, continuou crescendo mesmo com as investidas do governo e com a chegada da crise. Em 1932, o Brasil produziu o dobro da quantidade de café comercializado, em resposta, o governo aumentou os impostos sobre o grão e em 1933 foi proibido o plantio de novos cafezais (FRAGA, 1963).

Para Furtado (1980), a política de valorização do café, ao tentar sustentar seus preços, só agravava mais o desequilíbrio. Segundo Peláez (1979), mesmo que não

houvesse a Grande Depressão, a crise do café seria eminente. Nessa época, a economia brasileira era essencialmente baseada na exportação do grão. Como a crise afetou com maior impacto os Estados Unidos, principal comprador do café brasileiro e, tendo como fundo de financiamento empréstimos internacionais, cedo ou tarde a quebra viria.

## 2.5 A CRISE DE 1929

Durante toda a Primeira Guerra Mundial, a indústria e economia norte-americanas cresceram muito. Com a Europa em guerra, os Estados Unidos eram o seu principal fornecedor de armamentos e alimentos, gerando grande evolução na cadeia produtiva americana. Com o final da guerra e a Europa arrasada, os estadunidenses tornaram-se o principal credor dos países que precisavam se reerguer dos estragos da guerra, acabando por desenvolver ainda mais sua indústria interna (SILVA, 2020).

Desta forma, a década de 1920 foi um período de muita euforia para os Estados Unidos. Já donos da maior economia do mundo, o país era responsável por 40% de todas as importações negociadas na época e produziam grande parte da matéria prima mundial. Segundo Hobsbawm (1995), o dinheiro girava em grandes quantidades, a taxa de desemprego era de apenas 4% e a prosperidade era rotina na vida dos estadunidenses. Nesta época, originou-se o American way of life, que basicamente se refere ao estilo de vida confortável que a população levava na época.

Com os altos índices produtivos, criou-se um ambiente de otimismo quanto a economia americana, empréstimos passaram a ser concedidos pelo governo em grande quantidade e a população já contava com carros de luxo, financiamentos para comprar casas, altos salários e facilidades para aquisição de bens (GAZIER, 2013). Essa prosperidade toda, levou a população a investir no mercado financeiro, e os investimentos nas empresas deram saltos consideráveis durante toda a década de 1920, gerando uma especulação financeira (SILVA, 2020). Com os altos investimentos, a produção das empresas pode aumentar de forma considerável, segundo Gazier (2013), existiam empresários que viviam somente da especulação gerada sobre o enriquecimento das indústrias.

O problema ocasionado, foi que com o passar dos anos, a indústria e comércio europeus passaram a não precisar mais tanto dos bens produzidos pelos norte-

americanos. Os salários dos trabalhadores internos continuaram os mesmos, desta forma, o mercado consumidor não tinha como absorver este excedente, tornando a oferta muito maior do que a procura. Tão pouco o mercado internacional conseguiu absorver a demanda, fazendo com que a confiança no sucesso da economia estadunidense ficasse abalada, tanto por parte de sua população como de mercados externos. Com medo dos efeitos da superprodução, os investidores passaram a vender as ações empresariais compradas para não perder o valor investido.

Outro fator que levou à crise, foi o oferecimento de empréstimos nacionais e internacionais com pouco controle por parte dos Estados Unidos. As indústrias nacionais cresceram muito e o setor imobiliário também, tudo a partir dos financiamentos do governo da república. Segundo Hobsbawm (1995), após o final da Primeira Guerra Mundial, o país norte-americano ofereceu empréstimos para reconstrução de diversos países afetados pela guerra, a Alemanha, por exemplo, somente conseguiu se reerguer a partir dos empréstimos estadunidenses.

A crise de superprodução levou à queda dos preços dos insumos produzidos, conseqüentemente, as indústrias passaram a ter menos lucro e os empréstimos que foram concedidos pelo governo do país, passaram a não ser pagos. Os empréstimos internacionais tinham longos prazos para retorno, o que fez o governo ficar sem reservas e cortar os empréstimos (HOBBSAWM, 1995). Fatores estes que levaram a população a uma maior insegurança quanto a economia local, só os compradores de automóveis deviam 1,4 milhão de um total de endividamento pessoal de 6,5 milhões em empréstimos de curto e médio prazo (ZIEBURA, 1990).

Na chamada Quinta-feira Negra, mais de 12 milhões de ações da bolsa de Nova York foram vendidas, e a situação se estendeu por alguns dias, chegando a um total de 33 milhões de ações postas à venda. Com o mercado em pânico, imediatamente o valor das ações despencou, bilhões de dólares desapareceram e a economia estadunidense praticamente quebrou (SILVA, 2020).

O período ente 1929 e 1933 ficou conhecido como “A Grande Depressão”, levou os Estados Unidos a diminuir seu PIB a 50% do valor normal, além de reduzir em 70% os volumes de importação e a taxa de desemprego aumentou de 4% para 27%. Todo o comércio internacional foi reduzido a um terço do usual (MARTINS; KRILOW, 2015).

O impacto da crise não atingiu somente o país de sua origem, levando desemprego, acúmulos de estoques de produtos e insegurança financeira a diversas



outras nações que dependiam da indústria, comércio ou financiamento estadunidense (HOBSBAWM, 1995). Um destes países foi o Brasil. Sendo o maior produtor de café do mundo na época, o Brasil tinha como seu maior cliente os Estados Unidos, de acordo com Silva (2020), este absorvia 80% da produção cafeeira nacional. Com a crise e a parada nas importações americanas, o café ficou estagnado, seu preço despencou e a crise instalou-se no Brasil também. Neste período, o governo federal queimou mais de 71 mil sacas de café, quantia que na época era suficiente para garantir o consumo mundial durante três anos (CECAFÉ, 2020).

## 2.6 A RECUPERAÇÃO DO BRASIL PÓS CRISE

As medidas protetivas do café vinham desde o Convênio de Taubaté, órgão já citado nesta pesquisa, que visava através de financiamentos internacionais, evitar a flutuação do preço do produto. A partir da década de 1920, o governo federal viu-se forçado a apoiar os cafeicultores nesta demanda, negociando empréstimos para compra do excedente produzido, e dando como garantia, os próprios estoques de café, processo esse que ficou conhecido como “Valorização” (CAFEZEIRO, 2001). Segundo Lima (2004), a partir das grandes superproduções ocorridas entre 1921 e 1923, o governo brasileiro, em uma tentativa de valorizar o café, emitiu mais moeda, o que acarretou uma enorme inflação. Os bancos estrangeiros, percebendo a situação alertaram o estado brasileiro, que logo se retirou da posição de fiador dos empréstimos cafeeiros. Como auxílio ao setor, o governo nacional passou a limitar o envio de café de baixa qualidade aos portos, além de implementar impostos sobre a exportação de café para pagar os empréstimos.

Com a chegada da Grande Depressão, as políticas de valorização se tornaram inviáveis, de acordo com Lima (1997 *apud*. CAFEZEIRO, 2001), os cafeicultores, na tentativa de continuar defendendo o setor, recorreram ao Governo Federal de Washington Luís (1926-1930), que recusou intervir em favor da oligarquia cafeeira, revoltando grande parte dos cafeicultores, que passaram a fazer oposição ao presidente. Em 1932, os cafeicultores apoiaram a revolução de Getúlio Vargas, que no mesmo ano, perdoou 50% das dívidas que os produtores tinham com o governo federal (REVISTA CAFEICULTURA, 2018).

O novo governo intervindo da política cafeeira, criou em acordo com os cafeicultores o Departamento Nacional do Café (1932), que basicamente tirava das

mãos dos estados a responsabilidade sobre o produto e colocava nas do governo federal (GOMES, 2011). Este órgão agiu por mais de 10 anos, comprando café excedente e restringindo o plantio de novos cafezais, entre 1932 e 1944, cerca de cem milhões de sacas foram retiradas do mercado pelo DNC (Departamento Nacional do Café) (BELTRÃO, 2018).

Em 1937, o governo federal abandonou a chamada “Valorização” do café, melhorando os preços do produto internamente, e buscando investir na industrialização de diferentes setores, exemplo disso é a inauguração da Vale do Rio Doce em 1942. Segundo Lacerda (2010), a crise da economia cafeeira estimulou o avanço da industrialização, que já havia se iniciado nas décadas finais do século XIX. O país iniciou o processo de substituição de importação, através da produção de bens de consumo como alimentos e tecidos, e logo passou a produzir bens de consumo duráveis também (LACERDA, 2010). Está mudança de país agrário, para um país de base industrial, apoiou o Brasil na recuperação pós crise, além disso, os agricultores desenvolveram uma agricultura diversificada e possuíam um maior grau de autonomia, uma vez que não dependiam apenas do café para sua sobrevivência (DARÉ, 2010).

Segundo Pochmann (2016), a nova política de industrialização implementada no Brasil permitiu sair mais cedo da crise de 1929. Ainda segundo o autor, a salvação da economia cafeeira na crise de 1929 pelo novo governo liderado por Getúlio Vargas foi acompanhada pela crescente extração da renda exportadora por meio da política cambial de transferência às indústrias em expansão pelo mercado interno. Também a elevação da carga tributária, em cerca de 3% do Produto Interno Bruto, e a ampliação da oferta de crédito compensaram as restrições da industrialização tardia por meio da importação de máquinas e equipamento industriais.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial (1939), e temendo novos fechamentos de mercado, os países produtores de café firmaram o que ficou chamado de Acordo Interamericano do Café (1940) com os Estados Unidos (BELTRÃO, 2018). Ainda segundo o mesmo autor, o acordo previa impedir as flutuações do preço do grão e propiciar a expansão na produção, além de cotas para a importação de café anual por parte dos Estados Unidos. De acordo com Bragança (2003), as cláusulas econômicas do Acordo Internacional/Interamericano do Café (AIC), foram um mecanismo de estabilização de seus preços internacionais, mediante o controle da oferta de cada país produtor, através de cotas de importação. Ainda segundo Beltrão

(2018), o acordo generoso foi somente aceito pelos norte-americanos para contar com o apoio destes países durante a Segunda Guerra Mundial, que se sucedia. Em 1942, foi feito entre Brasil e Estados Unidos um acordo complementar, o Acordo de Washington que tratava sobre o preço do café brasileiro, novas cotas e o apoio do país estrangeiro para com a industrialização brasileira (BELTRÃO, 2018).

Em 1944, foi suspensa as destruições de café excedente e, no ano de 1946, foi abolido o DNC e estabelecido novo órgão regulador chamado Departamento Econômico do Café (CANO, 2015). Ainda conforme Cano (2015), com o final da guerra, os mercados internacionais foram voltando à normalidade, e as exportações brasileiras apesar de reduzidas, ainda geravam grande lucro ao Brasil.

A partir da década de 1950, ouve uma grande evolução e modernização do circuito produtivo cafeeiro, o qual contou com significativo incentivo do governo da época que, aliado ao processo de industrialização brasileiro que se dava naquele período, cooperou para uma produção menos manual e mais eficiente (MERGULHÃO, 2017). Ainda segundo a autora, estes incentivos posteriormente levariam a investimentos de capitais estrangeiros no país e a total industrialização de parte do setor, com o surgimento de grandes indústrias produtoras de café como a Café Santa Clara e Café Capital.

Internacionalmente, com a evolução dos mercados externos, a grande preocupação passou a ser com a qualidade do café exportado. A partir da década de 1950, o Brasil passou a ter concorrentes fortes na supremacia mundial. Desta forma, em 1952, Getúlio Vargas fundou o IBC (Instituto Brasileiro do Café), que estabeleceu quantidades e requisitos para a exportação do grão, além de registros para controle governamental, tendo este órgão perdurado até 1989 (BELTRÃO, 2018).

Para melhor delimitar as ações que levaram a recuperação brasileira pós crise, elaborou-se um quadro cronológico com as ações que culminaram na reabilitação do país.

Quadro 2 – Etapas da recuperação brasileira pós crise.

ANO	AÇÃO
1906	Convênio de Taubaté, criado para escoar o excedente da produção cafeeira.
1929	Quebra da Bolsa de Valores de Nova York.
1932	Getúlio Vargas perdoa 50% das dívidas do setor cafeeiro com o governo federal.
1932	Criação do Departamento Nacional do Café para controle produtivo.

(Continua)

(Continuação)

ANO	AÇÃO
1937	Investimentos na industrialização do Brasil.
1940	Firmado o Acordo Interamericano do Café com os Estados Unidos.
1942	Firmado o Acordo de Washington
1944	Abolido o Departamento Nacional do Café, bem como as destruições do grão
1952	Criação do IBC – Instituto Brasileiro do Café

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Através das datas citadas no quadro acima, verifica-se que o processo de estabilização do setor cafeeiro após a crise durou cerca de 20 anos. Tendo em vista que em 1932 foi o primeiro passo dado para a revitalização, que somente foi finalizada em 1952 com a criação do IBC. Durante este período de 20 anos, diversos tratados foram feitos para que culminassem na etapa final deste processo, iniciado antes mesmo da crise de 29.

## 2.7O SETOR CAFEIRO NA ULTIMA DÉCADA

Segundo Daré (2010), a partir do final da Segunda Guerra Mundial, os preços do café tiveram uma longa fase de altas, incentivando a economia interna, o aumento dos cafeicultores e o crescimento dos negócios dos que já produziam. As constantes variações do preço do grão e os conflitos políticos internos fizeram com que ao longo dos anos, os produtores de café se unissem em diferentes associações e sindicatos. Dentre elas, se pode citar a ABIC, criada em 1973 para representar as indústrias de moagem e torrefação de café, bem como a CECAFÉ, fundada em 1999, com a união de antigos sindicatos, que visa representar os exportadores de café. Ademais, também foi criada a Organização Internacional do Café (1963), com o intuito de proteger o produto e incentivar o comércio internacional.

Incentivando a valorização do grão, ele também passou a ser negociado na bolsa de Valores, e segundo o Departamento de Café do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA, 2010), o café brasileiro passou a ser negociado na bolsa de valores de Nova York também. As exportações de café ocuparam no ano de 2019 o 5º lugar entre os produtos mais exportados pelo agronegócio brasileiro.

De acordo com Alves (2020), o Brasil segue sendo o maior produtor e exportador de café do mundo. Atualmente, Minas Gerais concentra a maior produção do grão no país, produzindo cerca de 50% do total brasileiro. Devido a diversidade

das regiões brasileiras, são produzidos hoje diferentes tipos de café, além de misturas entre as espécies colhidas. As duas principais diversidades plantadas são o arábica (80% da área) e o conilon ou robusta que representou 20% da área plantada em 2017 (MAPA, 2017). Os cafezais ocupavam no ano de 2017, cerca de 2 milhões de hectares com cerca de 300 mil produtores, predominando micro e pequenos, em aproximadamente 1.900 municípios, distribuídos nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, Amazonas e Pará (MAPA, 2017).

Estes micro e pequenos produtores, geralmente se unem através de Cooperativas cafeeiras, consolidando através destas uma marca forte e expandindo mercados. Prova disso, é que no ano de 2011, o café produzido na Serra da Mantiqueira em Minas Gerais ganhou o registro de Indicação de Procedência, ou Indicação Geográfica (IG), registro este que uma região recebe quando seu produto passa a ser reconhecido mundialmente pela qualidade da produção daquele local (MAPA, 2019). Desta forma, o grão da região fica protegido de imitações e agrega valor em sua venda, como uma garantia de qualidade aos consumidores.

Essa marca só foi alcançada devido à união dos cafeicultores na Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec) da região. Unindo forças, os produtores conseguiram participar de feiras e aperfeiçoar seu modo de cultivo e colheita através de experiências no exterior (MAPA, 2019). As primeiras lavouras desta região surgiram no ano de 1848, a história do café na região se mistura com a da Ferrovia da Mogiana (Companhia Mogiana de Estradas de Ferro), que funcionou de 1872 a 1971, e com mais de 2 mil quilômetros ligava o Triângulo Mineiro ao Porto de Santos. Com a modernização da produção e o investimento em cafés especiais e de qualidade, a região se desenvolveu amplamente e segue sendo grande produtora de café, dando mérito às cooperativas e aos investimentos em diferenciais no cultivo do grão.

Outro fato que merece destaque é que, até os dias atuais, é proibida a importação de café em grãos e torrado para o Brasil, mesmo com a investida de grandes empresas como a Nestlé. Neste contexto, o livre comércio favoreceria as operações de drawback, ou seja, a importação de matéria-prima (café em grãos) para posterior exportação de produto com maior valor agregado. Enquanto que a importação do produto já torrado, traz aumento da concorrência ao produto nacional

e redução da possibilidade de se gerar mais valor à indústria cafeeira e empregos no país (MERGULHÃO, 2017).

Abaixo, segue quadro disponibilizado pelo CECAFÉ com dados sobre as exportações de café mundiais, nos anos de 2019 e 2020 no mês de setembro, bem como, os totais produtivos do ano de 2019. Nela, pode-se observar que, apesar de ter havido um aumento nos valores produzidos pelos demais países, o Brasil ainda é o maior exportador e produtor do grão.

Quadro 3 – Números do setor cafeeiro brasileiro 2019 e 2020

Principais países produtores:	Quantidade exportada em milhares de sacas de 60kg:		Totais produzidos no ano de 2019:
	SETEMBRO 2019	SETEMBRO 2020	
Brasil	3495,00	3795,00	58000,00
Vietnã	1518,00	1650,00	30750,00
Colômbia	1009,00	888,00	14100,00
Indonésia	703,00	740,00	11200,00
Peru	616,00	588,00	3900,00
Índia	415,00	400,00	6000,00

Fonte: CECAFE (2020)

Ainda segundo a CECAFÉ (2021), o maior importador de café brasileiro segue sendo os Estados Unidos, seguido pela Alemanha, conforme expressa a Figura 1.

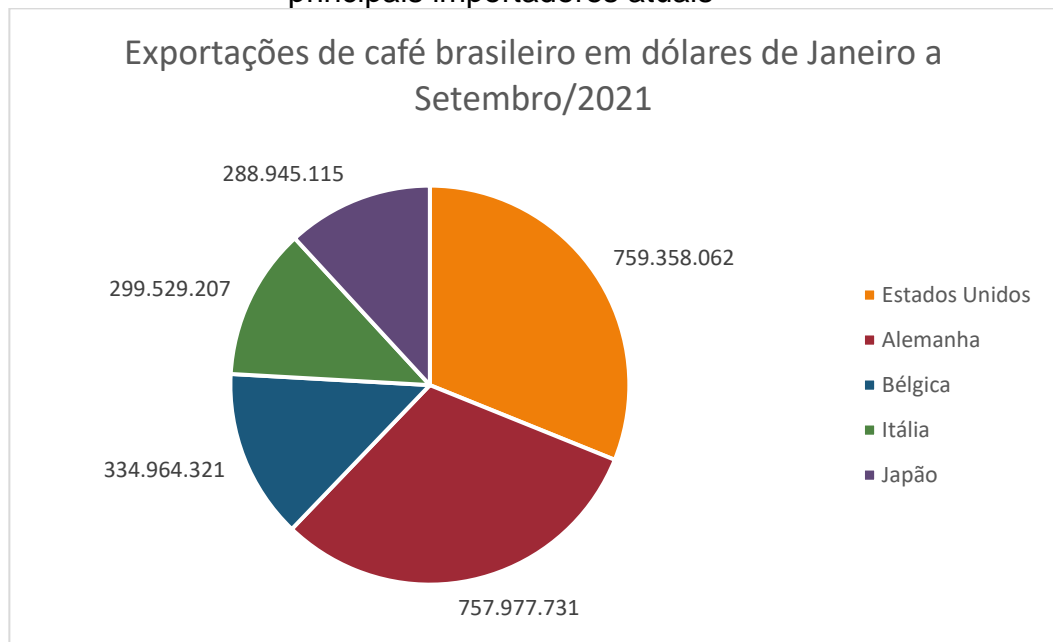
Nesta, observam-se um gráfico com os valores em dólares de café exportado para os cinco maiores compradores brasileiros de janeiro a setembro de 2021. Desta forma, pode-se perceber que Estados Unidos e Alemanha tem um volume importado muito semelhante de valores de café brasileiro, sendo que os EUA importaram USD 759.358.062 e Alemanha USD 757.977.731. Após, seguem os países Bélgica, Itália e Japão, que também importam valores consideráveis.

Segundo a ABIC (2020), o Brasil é o segundo maior consumidor de café do mundo, sendo esta a segunda bebida mais consumida pelos brasileiros, perdendo somente para a água. O maior consumidor de café mundial são os Estados Unidos.

A cafeicultura brasileira é, no mundo, uma das mais atentas às questões sociais e ambientais, desta forma, a fim de adequar-se e continuar tendo a supremacia no mercado cafeeiro mundial, os produtores precisaram se adaptar a diversos selos de qualidade, sustentabilidade e pureza para o café. Tais selos são estabelecidos pelo governo brasileiro, associações e principalmente pelas exigências dos mercados

externos (EMBRAPA, 2015). Segundo artigo do MAPA (2017), a cada ano os investimentos do setor em certificados de qualidade e pureza aumentam, além dos avanços nas técnicas agrícolas para cultivo e colheita do grão.

Figura 1 – Gráfico do valor FOB das exportações de café brasileiro dos cinco principais importadores atuais



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O programa permanente de controle da pureza do café ou selo de pureza, certifica que o produto é puro, sem adulteração ou misturas, oferecendo segurança alimentar, qualidade e respeito ao consumidor. Criado pela ABIC em 1989, ainda permanece ativo e foi a primeira iniciativa da entidade para impulsionar o consumo através da melhoria da qualidade.

O programa de qualidade do café, criado em 2004, certifica a qualidade do produto final por meio de uma metodologia de análise sensorial, e classifica e diferencia os cafés em 4 categorias: Extraforte, Tradicional, Superior e Gourmet. Além de certificar o produto, a empresa é auditada quanto às boas práticas de fabricação de todo o processo de industrialização.

O programa cafés sustentáveis do Brasil, certifica produtos com rastreabilidade assegurada desde a produção até a industrialização, o que o torna único no mundo. Os cafés são produzidos com os grãos provenientes de fazendas certificadas quanto à sua produção sustentável, que preservam o meio ambiente e respeitam o produtor.

Existe ainda o Selo da CECAFÉ, válida para os exportadores do produto, que garante a procedência, qualidade, segurança e condições de trabalho dos envolvidos na produção da commodity. Muitos destes selos, entre outros, são exigidos para que o café adentre as fronteiras dos países, e foi adequando-se a eles que as exportações de café têm mantido um alto número até hoje. Em adição, o setor cafeeiro ainda conta com o Fundo de Defesa da Economia Cafeeira - Funcafé, criado pelo Decreto-Lei nº 2.295/86 de 1986, que destina-se ao desenvolvimento de pesquisas, ao incentivo à produtividade, à qualificação da mão de obra, à publicidade e promoção dos cafés brasileiros, apoiando a competitividade ao negócio café, com linhas de crédito para financiamentos do custeio, estocagem e aquisição de café, e capital de giro para cooperativas, indústrias de torrefação solúvel e exportadores (MAPA, 2017).

## 2.8 APRENDIZADOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Segundo a AIESEC (2020), internacionalização significa expandir a atuação de uma empresa para mercados internacionais. Com a globalização, a competitividade é impulsionada devido aos inúmeros tipos de produtos semelhantes que encontramos no mercado, sendo assim, as empresas devem estar cada vez mais aptas a reagir a desafios, buscando expandir para mercados diferentes, sempre apresentando um diferencial (NOSÉ; JUNIOR, 2005). Deste ponto de vista, pode-se analisar o setor cafeeiro como uma empresa, que após a “quebra”, passou a investir em diferenciais, como os selos de qualidade, além de feiras para demonstração e degustação dos cafés brasileiros (ABIC, 2017).

De acordo com Peláez (1979), a crise cafeeira chegaria mesmo que sem a Grande Depressão de 1929, o Brasil era um país essencialmente agrário, com uma economia baseada na exportação, isto em uma época de guerras, pouco conhecimento global e possibilidades de contato para negociações. Segundo Matias (2020, p.1), “a economia brasileira foi criada em contexto de valorização da exportação, com baixo índice de desenvolvimento no solo nacional”.

Com a chegada da crise, o novo governo que se instaurou, gerenciado por Getúlio Vargas, uniu-se com os produtores de café latino-americanos em busca de um tratado com os Estados Unidos para estabelecer cotas para importação de café por parte dos americanos, além de fixar preços para viabilizar as exportações do produto. Acordos como esse são feitos ainda hoje, um exemplo semelhante, são os



acordos feitos pelo Mercosul que visam negociações entre os países, com redução de impostos e facilitação para as liberações alfandegárias (MAPA, 2017).

O café foi a porta de entrada para o Brasil ao mundo capitalista (CAFEZEIRO, 2001), porém, durante sua supremacia, nenhum outro setor da economia foi explorado com atenção, este é um erro que também culminaria em crise, cedo ou tarde. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI, 2018) o setor agropecuário e o industrial têm relações mais profundas do que imaginamos. Um exemplo disso, é que no ano de 2017 o Brasil teve um crescimento de 13,4% no setor agropecuário, o qual refletiu em um aumento no PIB referente ao setor industrial também, através da compra de maquinários e equipamentos para a automação dos processos agropecuários (FORTUNATO, 2017). Logo, pode-se dizer que é preciso incentivar a indústria e o agronegócio para que andem de mãos dadas para o sucesso econômico. Após a quebra da bolsa de valores de 1929, a indústria brasileira passou a ser incentivada, conforme ilustra o quadro abaixo:

Quadro 4 – Taxas médias anuais de crescimento do PIB entre 1920-1939

	1920 – 1929	1929-1933	1933-1939
Produção agrícola	4,00	2,50	1,60
Produção agrícola de exportação	7,50	3,70	1,10
Produção Industrial	2,80	4,40	11,20

Fonte: Ribeiro (2016).

Através da ilustração acima, podemos perceber que a partir de 1933, o setor industrial passou a ter uma participação muito maior no PIB nacional, assumindo a liderança na economia brasileira, posto que anteriormente era do setor de exportação de bens agrícolas.

Com as novas regras atuais para comercialização do grão e os selos de qualidade criados, o mercado ficou cada vez mais acirrado, e apesar de ter o maior volume produtivo, o fator que atualmente tem mais impacto é a qualidade dos produtos. Os consumidores estão cada vez mais exigentes, buscando procedência e pureza dos bens consumidos. A Organização Internacional do Café impõe condições mínimas para a exportação do grão, além das barreiras de qualidade impostas pelos governos de cada país importador, cobrando selos e certificações que hoje o café

brasileiro possui (OIC, 2020). O mercado de café apresenta elevada competição externa, uma vez que o seu consumo mundial é estável ou de pequeno crescimento e o produto é uma commodity exportada por um grande número de países. Até a década de 1960, o Brasil era responsável por 70% do mercado cafeeiro mundial. Atualmente, responde por aproximadamente 30% do café exportado. Diversos fatores contribuíram para essa perda expressiva, com destaque para a falta de um padrão de qualidade dos cafés produzidos, o que num mercado altamente competitivo é extremamente prejudicial (BRASILEIRO, 2008). Desta forma, a criação dos selos foram um diferencial implantados pelos produtores e governantes para impulsionar novamente as exportações do grão.

De modo a melhor apresentar os conceitos expostos neste capítulo, seus principais autores, temas e definições elaborou-se um quadro resumo (Quadro 5), que pode ser visualizado abaixo.

Quadro 5 - Quadro resumo da fundamentação teórica

TEMA	ENFOQUE	DEFINIÇÃO SINTETIZADA	AUTORES
O SETOR CAFEIRO PRÉ-CRISE	Panorama histórico da economia brasileira	Delimitar as fases da economia brasileira que se sucederam antes do ciclo do café.	Bezerra (2020); Fernandes (2020)
	O começo do cultivo de café no Brasil	Definir o início do processo produtivo de café no Brasil.	Fraga (1963)
	As exportações de café brasileiro no pré-crise	Identificar a representatividade do setor exportador de café antes de 1929.	CECAFÉ (2020); Lima (2004)
	Superproduções de café	Expor as superproduções cafeeiras que ocorriam antes mesmo da crise.	Beltrão (2018)
	A crise de 1929	Explanar sobre as causas e impactos da Crise de 1929.	Hobsbawm (1995); Silva (2020)
O SETOR CAFEIRO PÓS-CRISE	Recuperação da economia brasileira	Definir as ações do governo brasileiro que levaram a recuperação econômica.	Beltrão (2018); Cafezeiro (2001); Daré (2010)
	O setor exportador de café na atualidade	Explanar sobre o setor exportador de café hoje, seus números e suas melhorias em comparação ao pré-crise.	ABIC (2020); OIC (2020)

	Aprendizados de internacionalização	Definir os aprendizados de internacionalização com base no caso exposto.	Peláez (1979); Rombaldi (2016)
--	-------------------------------------	--	--------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

No presente capítulo, serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, a fim de atingir os objetivos geral e específicos em sua totalidade. O capítulo está disposto em delineamento, sendo exploradas em maior grau questões como natureza do estudo, níveis e estratégias metodológicas, participantes do estudo, procedimento de coleta de dados e procedimento de análise de dados.

#### 3.1 DELINEAMENTO

De acordo com Gil (2002), pode-se definir pesquisa como um procedimento sistêmico, utilizado para responder ou solucionar questões propostas. Em concordância a essa definição, Booth, Colomb e Williams (2008, p. 7) conceituam pesquisa como “reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema”.

Ainda segundo Gil (2002), as pesquisas são classificadas em três grandes grupos, sendo eles: exploratórias, descritivas e explicativas. Cada pesquisa utiliza métodos diferentes para obtenção de seus resultados, sendo eles: pesquisa bibliográfica, entrevistas, levantamentos, saídas a campo, pesquisa documental, estudos de caso e etc, variando de acordo com seu foco. Em concordância, Yin (2001) explica que cada estratégia deverá ser utilizada levando em conta o tipo de questão proposta.

Marconi e Lakatos (2003) explicam que toda ciência caracteriza-se pelo uso de métodos científicos. Em sua obra, os autores classificam diversos tipos de métodos utilizáveis em pesquisas, sendo eles: indutivos, dedutivos, hipotéticos, dialético e etc. Ainda segundo Marconi e Lakatos (2003), as pesquisas têm etapas bem definidas, sendo a primeira delas o surgimento de uma pergunta, sendo seguida por testes, hipóteses e posteriormente a solução da questão.

Neste estudo, optou-se por utilizar o formato de pesquisa exploratória qualitativa, utilizando-se dos métodos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de caso, empregando-se a coleta de dados por intermédio de entrevistas.

### 3.1.1 Natureza

De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa visa a descrição de resultados que não podem ser quantificados como, por exemplo, o “significado das ações e relações humanas” (MINAYO, 2001, p. 22). A partir disto, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa uma vez que tem por objetivo identificar diferenças presenciadas pelos integrantes do setor cafeeiro.

Segundo Oliveira (2008), as pesquisas qualitativas têm um embasamento investigativo, que se diferencia da postura positivista das pesquisas quantitativas. Conforme a autora, existem dois enfoques principais para pesquisas qualitativas, sendo elas: pesquisa etnográfica e estudo de caso.

A pesquisa qualitativa preocupa-se em retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. (OLIVEIRA, 2008). Para Moreira (2002), nas pesquisas qualitativas, deve-se não apenas ser um agente interpretativo, mas também compartilhar as percepções das pessoas entrevistadas e envolvidas, de modo a transmitir veracidade. Os teóricos das ciências naturais fazem suas pesquisas de forma quantificada, sem margens para interpretações, este estudo, visa justamente buscar diferentes interpretações por conta dos participantes do caso.

### 3.1.2 Níveis

Segundo Vergara (2005), pesquisas exploratórias são estudos sobre áreas ou assuntos que não tenham ainda grande atenção da comunidade científica, cujas hipóteses podem surgir durante ou ao final do trabalho. Pesquisas de cunho exploratório comumente trazem um levantamento teórico acerca do tema central (MASCARENHAS, 2012). Em adição, Selltiz, Wrightsman e Cook (1987) lembram que o modelo de pesquisa exploratório se utiliza principalmente de técnicas de pesquisas qualitativas baseadas em observações e entrevistas.

Desta forma, como já citado, este estudo caracteriza-se como pesquisa exploratória, uma vez que trata de uma investigação, a cerca de um caso único a fim de responder sua questão norteadora.

### 3.1.3 Estratégias

Para Yin (2003), o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Não surpreendentemente, o estudo de caso vem sendo uma estratégia comum de pesquisa na psicologia, na sociologia, na ciência política, na administração, no trabalho social e no planejamento (YIN, 1983). Segundo este mesmo autor, o método de pesquisa de estudo de caso, pode ser aplicado com diferentes estratégias, tanto como estudos de caso único, quanto de casos múltiplos.

De acordo Schramm (1971), a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ele tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, porque foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados. Desta forma, este estudo se utilizará do método de estudo de caso único, para esclarecer os motivos das ações tomadas no passado, aprendizados obtidos e condições que promoveram melhorias no setor cafeeiro ao longo do tempo no que tange ao aspecto internacional.

Além do estudo de caso, essa pesquisa utilizará do método de pesquisa documental que, segundo Vergara (2005, p. 6), baseia-se na análise de documentos, podendo eles ser “registros, atas, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorandos, balancetes, dados estatísticos, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, vídeo-tapes, disquetes, diários, cartas pessoais, anotações, redação de estudantes e outros”. E isto será feito, em busca de relatos sobre a relevância do café para o Brasil e os acontecimentos durante e após a crise.

Ainda, como estratégia inerente e necessária ao presente estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica, a qual tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, por possibilitar um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em variadas publicações, auxiliando também na construção do estudo proposto (GIL, 2002). Assim, será possível criar hipóteses para responder à questão em pauta, que posteriormente serão comparadas aos dados e ideias provenientes das entrevistas.

### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Conforme destaca Miguel (2010), a entrevista é uma técnica de interação social, que pluraliza vozes, distribui e democratiza as informações. Uma entrevista, permite uma interação profunda entre todos os participantes do ato, segundo Lüdke e André (1994, p. 34), “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”. Partindo deste princípio e considerando que o principal objetivo deste estudo é identificar os aprendizados de internacionalização no setor cafeeiro após a crise de 1929, optou-se por entrevistar os órgãos que hoje representam o setor no mercado nacional e internacional. Através de sites, mídias sociais (sobretudo LinkedIn) e e-mails, foram agendadas as entrevistas, que se deram mediadas pelas tecnologias digitais como o Google Meet e o WhatsApp.

A fim de atingir os objetivos expressos nessa produção, foram selecionadas entidades do setor público e privado altamente engajadas em diversos âmbitos do setor cafeeiro para a realização das entrevistas. Dentre elas a OIT (Organização Internacional do Café), que é o órgão com maior autoridade dentro do setor cafeeiro e que regula a qualidade dos cafés negociados pelo mundo, além de buscar incentivos e benefícios fiscais para comercialização, tendo como seu diretor o brasileiro Sr. José Dauster Sette, o qual foi entrevistado neste estudo. Outro órgão selecionado foi a ABIC (Associação Brasileira da Indústria de Café), amplamente atuante no mercado interno do café, com mais de 300 empresas associadas, 40 anos de história e um grande trabalho de incentivo ao consumo interno, aqui representada pela Sra. Monica Pinto, coordenadora de projetos da organização.

Com a intenção de entender melhor o atual mercado exportador de café, buscou-se também empresas exportadoras para participar do estudo, aqui representadas pela cooperativa Cocatrel (Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas), empresa composta por diversos pequenos e micro produtores, que abriu mercado para múltiplos lugares do mundo, atuante no mercado internacional com grande volume de café exportado mensalmente, representada pela Sra. Amanda Tempesta, analista sênior de exportação da cooperativa.

Para representar órgãos atuantes da exportação brasileira, buscou-se contato com o CECAFÉ (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), que busca por incentivos à exportação, criação de selos e demais demandas das indústrias

exportadoras, entrevistando-se o Sr. Eduardo Heron Santos, diretor técnico da corporação. Representante do setor de cafés *gourmets* e especiais, procurou-se entrevistar a BSCA (Brazil Specialty Coffee Association), organização responsável por levar o café brasileiro a feiras no exterior, promoção da imagem do grão, além de pesquisas para melhorias de qualidade. Desta entidade, contou-se com a participação da diretora Sra. Vanusia Nogueira.

Em busca de um maior aprofundamento no aspecto histórico do café, entrevistou-se também o Sr. Antônio Sérgio de Souza, editor chefe da revista Cafeicultura, autor de diversos artigos e relatos históricos referentes ao setor cafeeiro. O quadro abaixo, traz uma síntese dos entrevistados neste relatório:

Quadro 6 – Participantes do estudo

<b>Entrevistados</b>	<b>Instituição</b>	<b>Cargo</b>	<b>Tempo na função</b>
José Dauster Sette	Organização Internacional do Café (OIT)	Diretor Executivo	5 anos
Monica Pinto	Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC)	Coordenadora de Projetos	24 anos
Amanda Tempesta	COCATREL - Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas	Analista de Exportação Sênior	3 anos
Eduardo Heron Santos	Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFÉ)	Diretor Técnico	20 anos
Vanusia Nogueira	Brazil Specialty Coffee Association (BSCA)	Diretora	14 anos
Antônio Sérgio de Souza	Revista Cafeicultura	Editor chefe	22 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS



Como mencionado anteriormente, além das pesquisas bibliográficas e documentais, os dados foram coletados a partir de entrevistas individuais junto a órgãos e representantes do setor cafeeiro, que responderam questões sobre o tópico de pesquisa. Foram entrevistados profissionais atuantes em quatro órgãos, sendo eles: ABIC, CECAFÉ, BSCA e OIT, além de uma cooperativa exportadora COCATREL e os responsáveis pela revista Cafeicultura. O contato foi feito por vias digitais, e através dessas entidades, buscou-se responder as questões propostas.

Transcrevendo Fontana e Frey (1994, p. 36): “Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras, que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”. De acordo com Salvador (1980), as entrevistas são uma ferramenta muito utilizada pelos cientistas quando não se pode obter respostas apenas com dados estatísticos ou registros documentais, podendo essas serem fornecidas por determinadas pessoas. Em adição, Rosa e Arnoldi (2006), destacam que o método da entrevista permite ao pesquisador, não apenas observar as descrições e ações do entrevistado, mas também conhecer sobre seus sentimentos e valores a respeito da questão proposta.

Segundo Ribeiro e Milan (2004), existem diversos passos que devem ser seguidos para o sucesso de uma entrevista, deve-se ter um plano de condução, introduzir o assunto, ter perguntas centrais e bem definidas e atentar-se para as necessidades do entrevistado. Além disso, os autores ressaltam que o término da entrevista também é um aspecto que deve ser observado, é importante sempre assegurar-se de que o entrevistado não deseja acrescentar mais nenhuma informação, um dado novo que não havia sido pensado, pode trazer novidades a pesquisa vigente.

Considerando estes aspectos, foi elaborado um roteiro de perguntas (apêndices A e B) que foram aplicadas aos entrevistados visando responder à questão proposta neste estudo, as perguntas foram elaboradas considerando os objetivos geral e específico deste estudo, bem como seu referencial teórico e mediante revisão da orientadora. O roteiro de entrevistas buscou entender, principalmente, quais foram os avanços percebidos pelos representantes do setor cafeeiro após a recuperação financeira do setor na quebra de 1929, especialmente no âmbito da internacionalização.

As entrevistas de deram no período de 10 de agosto de 2021 a 01 de outubro de 2021, tendo sido mediadas pelo *Google Meet*, *Teams* e *WhatsApp*, de acordo com

a necessidade ou preferência do entrevistado. As entrevistas duraram de 10 a 40 minutos e todas foram gravadas para posterior transcrição.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Diferentemente das pesquisas quantitativas, as que possuem natureza qualitativa não possuem um sistema de análise de dados pré-estabelecido, e por isso, passa a variar de acordo ao estilo do autor (GIL, 2002). Como principal estratégia de pesquisa para responder à questão proposta neste estudo, será utilizado o estudo de caso, que terá seus dados coletados através de entrevistas com os órgãos correspondentes.

Para analisar os dados das entrevistas, Ribeiro e Milan (2004) sugerem diversos modelos de comparação, sendo elas: interna, temporal, externa, teórica, por consenso e por importância, estas poderão ser utilizadas em conjunto ou de forma única, dependendo da necessidade da pesquisa. Nesta pesquisa serão utilizadas a comparação temporal e externa, considerando-se que a comparação temporal busca identificar a opinião das pessoas antes e após algum evento marcante, que é o caso da crise de 1929; e a comparação externa visa comparar o relatado pelos entrevistados, com a literatura existente sobre o assunto (RIBEIRO; MILAN, 2004).

Há autores que indicam uma série de opções de análise para dados qualitativos, como a codificação e a análise comparativa, além de técnicas mais conhecidas como a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Conforme Vergara (2005), a análise de conteúdo, é uma técnica para tratamento de dados, que visa auxiliar no entendimento de determinado tema, em adição, a autora supracitada, destaca que este método busca a análise das comunicações, visando obter compreensão sobre os temas propostos. A partir desta análise, as entrevistas devem ser transcritas e categorizadas por suas semelhanças, posteriormente organizadas em tópicos de pesquisa para sintetização e comparação, para que finalmente os dados possam ser aplicados com clareza.

A fim de apresentar as informações deste capítulo de forma simples e dinâmica, elaborou-se um quadro síntese, que visa expor o procedimento metodológico utilizado neste estudo, bem como os métodos de obtenção e análise de dados propostos nesta pesquisa:

Quadro 7 – Quadro resumo dos Procedimentos Metodológicos

<b>Delineamento</b>			<b>Participantes da pesquisa</b>	<b>Processo de Coleta</b>	<b>Processo de Análise</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nível</b>	<b>Estratégia</b>			
Qualitativa	Exploratória	Estudo de caso; Pesquisa bibliográfica; Pesquisa documental.	Entrevistados às instituições representantes do setor cafeeiro no brasil e no exterior.	Entrevistas.	Análise de conteúdo.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## 4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo tem por objetivo principal apresentar as informações obtidas e dados coletados pelos métodos de pesquisa previamente descritos, bem como analisá-las de acordo com os objetivos do presente estudo. Conforme Cooper e Schindler (2016), a análise de dados geralmente envolve a sua redução para um tamanho manejável e o pesquisador precisa interpretar esses resultados à luz das questões da pesquisa.

Através de entrevistas realizadas com representantes do setor cafeeiro em âmbito nacional e internacional, foram analisadas as informações de modo a atingir os objetivos desta pesquisa. Para obtenção de um melhor entendimento e organização dos dados coletados, este capítulo está dividido em subcapítulos que tratam de cada objetivo específico do estudo.

### 4.1 REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ PARA A ECONOMIA BRASILEIRA EM 1929

Neste tópico, são apresentados os resultados correspondentes ao primeiro objetivo específico proposto nesta pesquisa: Levantar a representatividade das exportações de café no período pré-crise. Assim, os entrevistados foram questionados sobre seu conhecimento referente ao contexto da crise cafeeira de 1929 e a importância do produto à época.

Todos os entrevistados ressaltaram a importância da exportação de café para o Brasil neste período. Quatro entre os entrevistados, sendo eles Eduardo Santos, Monica Pinto, José Sette e Antônio de Souza, relatam sobre o produto ser a principal fonte de renda do Brasil e ainda o motor para investimentos em industrialização e encorajamento a cultivo de novos insumos agrícolas. A entrevistada Vanusia Nogueira comenta que, apesar das diversas crises sofridas pelo café neste período, com superproduções e grande variação de preços, foi o café que permitiu grande parte da construção do cenário brasileiro na época e também o atual. O que vai ao encontro com o que comenta o entrevistado Eduardo Santos:

Toda a história e economia do Brasil se construiu em cima do café. O café está completando quase 300 anos de história em solo nacional, e o Brasil por onde você passa, você acha a importância do café. O teatro municipal de São Paulo, as ferrovias, o próprio porto de Santos, tem todo um aparato construído em cima do café e para o café.

Confirmando essas colocações, Cafezeiro (2001, p.9), disse em sua obra que o café foi o “centro motor do desenvolvimento do capitalismo brasileiro”. Além disso, de acordo com Lima (2004), o café foi responsável por amplo desenvolvimento interno do Brasil, conforme relata Eduardo Santos na citação acima.

Grande parte dos entrevistados relata que o café era o principal e quase único produto da pauta de exportação brasileira do período. Segundo Fraga (1963), a representatividade do café para a economia brasileira, chegou a 75,8% em 1924. Além disso, o grão ainda regulava a hierarquia da sociedade da época e comandava a política, conforme comenta o entrevistado Antônio de Souza: “Podemos observar isso se lembrarmos das histórias dos barões do café, que vemos em filmes e novelas, o café dava muito poder a eles”. Ainda segundo o entrevistado Antônio de Souza, o café ditava moda, cultura, entretenimento e até mesmo os casamentos da época. Comentário esse que vai ao encontro com o que foi citado anteriormente neste estudo, relatando o poder da política do café com leite, que contou com 12 presidentes de 1898 a 1930, quando a crise de 1929 e as condições precárias enfrentadas pelos brasileiros e cafeicultores levaram ao golpe de 1930 por Getúlio Vargas (ARAUJO, 2020).

Conforme citado por Gomes (2011), o Brasil era responsável por 70% da produção de café mundial em 1929. A entrevistada Vanusia Nogueira atribui este fato à grande quantidade produzida, segundo ela “produzíamos muito e tínhamos uma grande demanda para exportação”. No período, existiam poucos países que produziam café, e inspirados pelo sucesso brasileiro, posteriormente acabaram aderindo ao cultivo, comenta ainda Vanusia Nogueira. A entrevistada Monica Pinto conta, que até 1929 o consumo de café no Brasil não era tão difundido, e por conta disso, se exportava tanto. De acordo com Gremaud, Vasconcellos e Tonetto Júnior (2009), a economia brasileira no período era basicamente exportadora e de dependência do café, desta forma quando haviam decréscimos nos preços do grão, todo o sistema político e econômico decaíam também. Prova disso é que foi criado ainda em 1906 o primeiro órgão que visava proteger a economia cafeeira (CAFEZEIRO, 2001).

. Devido à alta nos preços do produto e o significativo retorno financeiro do plantio de café, muitos brasileiros procuraram investir em cafezais, confirmação disso é o que relata a participante Amanda Tempesta: “Minha cidade é muito pequena (Três

Pontas/MG), cresceu em torno do café, conheço muitas fazendas onde os avós começaram a plantar café em 1850, e que os netos, bisnetos, tataranetos dão andamento até hoje”. Este relato vai ao encontro do que descreve Fraga (1963), quando discorre a respeito do amplo desenvolvimento interno que o café acarretou ao Brasil, com construções de cidades, estradas, linhas férreas, tudo para o escoamento do grão para os portos.

Segundo a entrevistada Monica Pinto: “Em 1929, 64% da produção era exportada, e um consumo interno muito pequeno”, no citado período, os EUA absorviam cerca de 80% da exportação brasileira do grão (SILVA, 2020). Desta forma e com o aumento do número de cafeicultores, começaram a ocorrer sobras de produção, confirmação disso é que no ano de 1924, o Brasil acumulou uma sobra de 29,6 milhões de sacas (FIGUEIRA, 2006). Conforme ressalta Antônio de Souza, “Existia um excesso de oferta, e o governo tentou equilibrar oferta e demanda. Ele comprava o café e queimava, ao invés de exportar, foi uma tentativa de equalizar mercado”. Neste período, começaram a ser fundados órgãos para regular o plantio de café (CANO, 2015). No ano de 1924, foi elaborada a lei nº 2004 para proteção do grão e controle dos volumes produzidos (FRAGA, 1963).

Além destas informações, é importante destacar o que comenta Eduardo Santos: “Naquela época, 1929, o consumo era de 20 milhões de sacas, hoje estamos com cerca de 160 milhões de sacas”, contrapondo o grande volume produtivo que o Brasil tinha para os padrões da época, percebe-se grande aumento de consumo atualmente. Conforme o MAPA (2017), ainda é possível relatar que os pés de café no período, eram plantados espaçadamente, em grandes territórios de terra, o que sem automação, dificultava e atrasava as colheitas. O transporte para os portos era feito por ferrovias e o grão era embalado em sacas de 60 kg (MAPA, 2017).

Através das informações expostas neste subcapítulo, é possível analisar a importância histórica que o café tinha para o citado período, além da influência política e social. Também é importante elencar que relata-se a quantidade produzida e as formas de plantio.

## 4.2 IMPACTOS DA CRISE DE 1929 PARA A ECONOMIA BRASILEIRA E, EM ESPECIAL, AO SETOR CAFEEIRO

Nesta etapa, os participantes do estudo foram questionados a respeito de seu conhecimento sobre os impactos da crise de 1929 ao Brasil e ao setor cafeeiro. De acordo com José Sette: “O café tende a ser um produto altamente cíclico ainda nos dias atuais, com altas e baixas periódicas”. Por se tratar de um produto que tem seu valor definido pela bolsa de valores, o café ainda tem grande variação de preços, mas tende a manter uma média estável (CECAFE, 2021).

Conforme relatado previamente neste estudo, os EUA eram e seguem sendo o principal comprador de café brasileiro, especificadamente, no ano de 1929 os Estados Unidos absorviam cerca de 40% de todas as exportações mundiais (HOBBSAWN, 2017). De acordo com Antônio de Souza, os estadunidenses sempre tiveram uma característica industrial muito forte, que se intensificou a partir do final da Primeira Guerra Mundial, quando precisou suprir a demanda produtiva da Europa que estava abalada. Deste então, se instaurou um sentimento de positividade dado ao crescimento monetário do país, que culminou em um maior volume consumidor (MERGULHÃO, 2017).

Quando uma sequência de acontecimentos resultou na quebra da bolsa de valores de Nova York, diversos países também são afetados. Conforme Martins e Krilow (2015), no período, todo o mercado mundial foi reduzido a um terço do usual, informação essa que também vem à tona na entrevista com Eduardo Santos, quando este afirma: “O Brasil era muito dependente do volume de café exportado a eles, a verdade é que quebrou o mundo inteiro, e o Brasil junto”. Diversos bancos fecharam, empresas faliram e a crise trouxe prejuízos em todas as escalas do setor produtivo mundial (FIGUEIRA, 2006).

O Brasil que já vinha de uma série de super produções de café, viu seu principal produto da pauta de exportações decair imensamente de valor e a economia nacional e mundial desmoronar (HOBBSAWN, 2017). De acordo com o entrevistado Eduardo Santos: “São coisas que ocorreram, que hoje nós vemos como sendo desastrosas, mas sem esses baques o setor não teria evoluído para o que é hoje”. O impacto financeiro, político e social foi imenso para grande parte do mundo, culminando em mudança políticas e estruturais que posteriormente levariam o Brasil à recuperação econômica (FIGUEIRA, 2009).

Desta forma, constata-se que o café que geria a economia brasileira, tem uma grande queda, que faz com que as posições mudem permanentemente da hierarquia econômica brasileira.

#### 4.3 PRINCIPAIS MUDANÇAS IMPLANTADAS APÓS 1929

Entre seus objetivos específicos, a presente investigação buscou identificar os avanços instaurados no setor cafeeiro após a crise de 1929. Assim, os entrevistados foram questionados a respeito do que eles percebem ter mudado ou evoluído, a partir dos aprendizados do evento supracitado. O entrevistado José Sette, concluiu que as mudanças e melhorias partem de um conjunto de fatores, ele destaca: “Principalmente tecnologia de produção, derivado de pesquisas da Embrapa”. A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) foi fundada em 1972, período em que o crescimento acelerado da população, da renda per capita, e a abertura para o mercado externo mostravam que, sem investimentos em ciências agrárias, o país não conseguiria suprir a demanda crescente por alimentos, desta forma, o órgão visa através de pesquisas científicas, melhorar e aumentar a produção de insumos agrícolas (EMBRAPA, 2021).

Além dos avanços tecnológicos, o entrevistado José atribui as melhorias também aos avanços do setor logístico e a diferenciação mercadológica com cafés especiais, fato esse reforçado pela entrevistada Monica Pinto, que também cita a Embrapa como um dos grandes atores para o desenvolvimento do setor cafeeiro.

Unanimidade entre os entrevistados foram os comentários a respeito do grande marco histórico que foi a criação do IBC (Instituto Brasileiro do Café), aliás, não apenas sua criação (em 1952), mas também sua extinção (em 1989). Ao longo de quase quatro décadas de existência, o órgão regulou o preço, estudou qualidades, as espécies cultivadas, a forma de cultivo e as vendas do café (BELTRÃO, 2018). Segundo a entrevistada Vanusia Nogueira:

Eu acredito que o café no Brasil teve três grandes divisores de águas, a crise de 1929, que levou à criação do IBC para controlar o café. O IBC já era um instituto que tinha um lado de pesquisas extremamente forte e que trabalhou muito dentro deste, até ele ser extinto em 89/90. E aí você tem um outro divisor de águas que é o processo de desregulamentação do setor de café no Brasil. A partir daí, você tem um contexto de entrada pesada do setor privado, vamos pensar que nós saímos do 8 para o 80. Era um setor 100% regulado, com cotas definidas, que o produtor não podia acessar diretamente o mercado internacional, quem definia até onde e que patamar de qualidade o café poderia ir, porque era o que se tinha de mercado, era o IBC. Então o



processo era todo assim e, do dia pra noite, extinguiu-se o IBC e salve-se quem puder.

Segundo Gomes (2011), o primeiro órgão regulador existente no pós crise foi o DNC (Departamento Nacional do Café) criado em 1933 por Getúlio Vargas, desde então, o setor sempre foi regulado por órgãos governamentais. O último a ser extinto foi o IBC, em 1989, então por mais de 50 anos os cafeicultores tinham um caminho definido a seguir, quando extingue-se o IBC eles tiveram que aprender uma nova forma de trabalhar.

Seguindo com o comentário de Vanusia Nogueira, a entrevistada Monica Pinto destaca que, após a extinção do IBC, as indústrias tiveram que aprender a realmente trabalhar com café. O entrevistado Antônio de Souza ressalta:

O produtor era tutelado pelo governo, onde o governo subsidiava mudas, falava como plantar, onde plantar, quanto plantava. Então o produtor não tinha o menor interesse em produzir qualidade, qualquer coisa que ele produzisse, ele ia vender pelo mesmo preço.

Eduardo Santos ainda comenta que a produção de café cresceu muito após a extinção do IBC, e foi após essa extinção que começaram a surgir as associações, cooperativas e conselhos para o setor cafeeiro.

Após a desregulamentação, o volume exportado pelo Brasil voltou a crescer, mas agora buscando nichos de mercado e novos diferenciais para destacar-se. Segundo a entrevistada Vanusia Nogueira, o Brasil entrou atrasado no mundo dos cafés especiais por conta das rédeas do IBC e demais órgãos reguladores. A partir de sua extinção, as cooperativas começaram a entrar mais independentemente nas negociações internacionais, quando buscaram selos de qualidade que são um grande diferencial até os dias atuais. Segundo MAPA (2017), a cada ano os investimentos do setor em certificados aumentam, além dos avanços nas técnicas agrícolas para cultivo e colheita do grão.

A contar destes fatos, começaram os incentivos para produção de cafés especiais, busca por novos mercados, união de fazendeiros, ida do Brasil para competições de qualidade no exterior, evolução nos moldes produtivos, automação da colheita, busca por certificados internacionais de qualidade e mais pesquisas para continuar crescendo. Hoje em dia, segundo o entrevistado Eduardo Santos, “O Brasil é o número um do agronegócio, inclusive servindo de espelho para os demais países produtores de café, ou de outros insumos agrícolas”. Desta forma, podemos concluir

que a desregulamentação do setor e a abertura plena para o mercado internacional, fez com que o Brasil desse um salto em relação aos demais concorrentes, não em volume produtivo, mas em qualidade e sustentabilidade, que segundo Nosé e Junior (2015) é fundamental nos dias atuais. Os consumidores estão cada vez mais exigentes e buscando conhecer o que consomem, a falta de um padrão de qualidade dos cafés produzidos, num mercado altamente competitivo é extremamente prejudicial (BRASILEIRO, 2008).

#### 4.4 O SETOR EXPORTADOR DE CAFÉ BRASILEIRO ATUALMENTE

Neste tópico, os entrevistados foram perguntados sobre como percebem o setor cafeeiro na atualidade. Conforme Alves (2020), atualmente o café é o 5º produto na pauta de exportação Brasileira, além do país ser o maior produtor do grão e o segundo maior consumidor da bebida.

Contrapondo sua grandiosidade, o setor produtivo de café ainda é composto em sua maioria por micro e pequenos produtores, filiados a cooperativas ou associações. A entrevistada Monica Pinto conta que dos mais de 300 associados da ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café), apenas 3 empresas exportam de forma independente. Essa profissional relata: “Hoje, por exemplo, o mercado interno consome algo em torno de 30% da produção nacional, e a exportação 40 a 45%, dependendo”. De acordo com a mesma entrevistada, falta incentivo do governo para estimular os pequenos produtores a exportar, ou se vincularem a cooperativas exportadoras, ela sugere a distribuição de algum tipo de curso ou material aos cafeicultores.

O setor cafeeiro, bem como o agronegócio brasileiro, evoluiu imensamente nos últimos anos, com inovações tecnológicas e biológicas. O entrevistado Eduardo Santos retrata: “Hoje você tem inteligência artificial, ferramentas muito mais dinâmicas, mas a crise de 29 têm um lado extremamente importante para o café. O setor hoje está bem estruturado, porque a gente aprende com estes desafios”.

É unânime entre os participantes deste estudo, os comentários a respeito da evolução tecnológica do setor, que vem através de colheitadeiras automatizadas, máquinas para separação de café, procedimentos industriais de moagem e embalagem, inteligência artificial e plantações monitoras ininterruptamente (ABIC, 2020). Além disso, criou-se biologicamente, plantas resistentes a pragas, secas, de

maior produtividade e com qualidade superior (MAPA, 2017). De acordo com a entrevistada Monica Pinto, o Brasil já é um país de muitos sabores, diversos aromas, altitudes diferentes, que conferem ao café brasileiro qualidade e diferenciais únicos, o que concorda com o relato de Vanusia Nogueira: “Nos últimos 20 e poucos anos, o Brasil passou a ser referência de qualidade. Então, hoje nós já somos o maior fornecedor de café de qualidade, ou seja, os cafés especiais, acima dos 80 pontos, do mundo”.

Os entrevistados comentam que o Brasil, atualmente, tornou-se referência de qualidade de café, evolução tecnológica e biológica no mundo, para o agronegócio, conforme comenta a entrevista Monica Pinto: “Em virtude das pesquisas, hoje em dia as plantas estão mais resistentes a pragas, temos o genoma café, adensamento de plantas, toda essa tecnologia e difusão de tecnologia que avançou ao longo do tempo”. Informação essa, confirmada pela participante Amanda Tempesta, que trabalha diretamente com venda de café mineiro para o exterior. Ela relata: “O pessoal gosta muito, teve um cliente que falou que o café brasileiro é tão bom, mas tão bom, que até o café ruim é exportado”. De acordo com Amanda Tempesta, o café brasileiro é muito valorizado internacionalmente, a Cocatrel, empresa em que atua, vem aumentando cada vez mais os volumes exportados, essa entrevistada complementa: “Até 2012, exportávamos cerca de 2/3 containers ano, e só neste mês (setembro/2021), já foram 32”.

Parte desse aumento nas exportações, se deve à qualidade e confiança estabelecidas pelo café brasileiro, Antônio de Souza comenta: “O Brasil é o país com leis mais rígidas para proteção ambiental do mundo, desta forma, as exigências para selos de qualidade e sustentabilidade para com os nossos produtos, acaba se tornando maior”. Amanda Tempesta conta que os selos são muito solicitados pelos importadores, principalmente os de sustentabilidade, eles querem saber onde fica a fazenda, como funciona a colheita, moagem, torrefação, descarte de insumos, etc. A mesma participante ainda relata as dificuldades dos produtores para se adequarem às exigências internacionais: “Às vezes a fazenda existe desde 1890, foi levada até as gerações atuais das famílias, e as adequações acabam sendo caras, o que faz os produtores desistirem de exportar”, informação alinhada à fala da participante Monica Pinto, no início deste tópico, referente ao medo e dificuldade dos pequenos produtores a dar início às exportações.

O entrevistado Eduardo Santos, explica que a questão dos selos é pouco explorada pelas autoridades do setor, comentando: “Às vezes os produtores precisam fazer mudanças milionárias em suas fazendas, para ganhar 10 dólares a mais na venda, não vale a pena. E se a cooperativa não compra pra exportar, alguém compra pra vender internamente”. Apesar disso, a maior parte da produção de café exportada leva selos de qualidade, de acordo com o entrevistado José Sette, lentamente o café vai passar a ser um setor guiado não somente por fatores mercadológicos, mas sim com enfoque em sustentabilidade. Concordante a isso, é o fato da maior aderência a métodos e embalagens sustentáveis (ABIC, 2021).

Atualmente, a cada 3 xicaras de café consumidas no mundo, uma delas é de café Brasileiro (CECAFÉ, 2021). José Sette relata: “Temos 40% do mercado mundial de café, e quando a gente olha para 2030, a expectativa de consumo é de que se consuma ainda mais”. De acordo com Amanda Tempesta, isso se deve à confiança que o setor brasileiro desperta nos compradores, sobre o qual ela discorre: “Temos uma logística boa, financeiro bom, cafés de qualidade certificados, e cumprimos os combinados. Às vezes, a bolsa varia muito entre o fechamento da compra e o embarque, e sempre cumprimos mesmo assim, mesmo que às vezes nem fosse vantagem vender”.

Resumindo estes aspectos, a entrevistada Vanusia Nogueira diz:

Eu acho que nós somos o maior país exportador, o líder nas exportações do grão ainda hoje, por sermos o maior produtor. Eu acho que o café vem de uma base muito grande. A gente hoje produz com muita eficiência, e aí tá um segredo de Brasil de ser extremamente produtivo, profissional e competitivo no nosso agro. Nós somos em disparada o país com mais volume de tecnologia e de pesquisa no café no mundo. E, hoje, o setor está crescendo cada vez mais, eu acredito que seja porque a nossa diversidade, a nossa consistência de entrega, a confiabilidade que eles podem ter no Brasil se estabeleceu de uma forma que somente nós temos. E isso se deve a todos esses fatos, crescimentos e aprendizagens.

Quando questionados a respeito de ainda existir uma dependência do setor cafeicultor brasileiro da economia norte-americana, o entrevistado Eduardo Santos comenta: “Apesar de a gente ter expandido o comércio até a China, ainda existe uma dependência muito grande da economia americana, não só do Brasil e do café, mas de grande parte do mundo”. Felizmente, nos dias atuais, a realidade é outra, quando o café brasileiro atingiu um patamar de excelência, variedades e qualidades únicos no mundo, o consumo interno aumentou significativamente e a dependência da

exportação do grão para os Estados Unidos diminuiu, considerando que em 1929 os EUA absorviam cerca de 80% da produção nacional (SILVA, 2020).

Neste capítulo, é possível notar a evolução do setor cafeeiro e as mudanças implantadas pelo mesmo após a crise de 29, tornando-se hoje um setor muito bem estruturado, independente e de grande representatividade mundial.

#### 4.5 APRENDIZADOS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAFÉ APLICÁVEIS A OUTROS SETORES ECONÔMICOS

Para este tópico, os entrevistados foram questionados sobre os aprendizados que ficaram para o setor cafeeiro, e também para os demais setores econômicos, advindos da crise e recuperação do café.

De acordo com o entrevistado José Sette, a crise de 1929, foi a primeira de muitas crises que o setor de café brasileiro viria a passar. “É um setor altamente cíclico ainda nos dias atuais” explica. Comentário que vai ao encontro com o que conta o entrevistado Antônio de Souza: “Em 1970, o café sofreu um novo baque, com a entrada da ferrugem para os cafeeiros, uma doença que dizimou muitas áreas de café. Foi também um baque muito grande na produção brasileira”. É um setor que foi evoluindo ao longo dos anos, e por ser um dos primeiros produtos do agronegócio brasileiro, acabou “ensinando” aos demais, conforme conta o entrevistado Eduardo Santos: “Diferentemente daquela época (1929), onde você tinha aquela distinção de pestes, queimadas de café para que o preço fosse regulado, são medidas que hoje a gente analisa que são desastrosas, mas é assim que a gente aprende”. Confirmando esta fala, Fraga (1963), relata que, em 1924, cerca de 29,6 milhões de sacas foram queimadas pelo governo brasileiro a fim de tentar estabilizar os preços, quantidade essa que era suficiente para abastecer o mercado do período por 3 anos.

O café superou essas crises com investimentos em pesquisa e ciência, conforme conta Eduardo Santos:

A cafeicultura brasileira na época de 1960, por exemplo, o Brasil tinha uma área produtiva de quase 5 milhões de hectares, hoje a gente tem dois, naquela época a produtividade era 3 sacas por hectare. Hoje, na mesma área, a gente colhe 32. O processo de produção se sofisticou de uma tal maneira, que o Brasil tem um nível de tecnologia hoje, que é uma referência mundial.

Trazendo para a perspectiva atual da crise do COVID-19, os entrevistados comentam que o setor cafeeiro não sofreu grandes impactos. De acordo com a entrevistada Amanda Tempesta, as exportações vêm aumentando e, no primeiro semestre deste ano (2021), foi superado o recorde de 44,7 milhões de sacas de café exportadas, em plena pandemia. Além disso, de acordo com a mesma entrevistada, o produto está abrindo mercado para os países asiáticos, essa participante comenta: “Vendemos cafés gourmet e até mesmo os de baixa qualidade, porque lá eles misturam com especiarias, que é bom para o paladar deles”. Grandes volumes de café foram exportados para China e Coreia do Sul, mas os principais compradores do Brasil seguem sendo Estados Unidos e Alemanha.

Considerando os problemas enfrentados pelas indústrias e comércio durante a pandemia, era de se esperar uma baixa no consumo e compra de café, mas ainda segundo o entrevistado Eduardo Santos, o que mudou foi a forma de consumo: “As pessoas não tomavam mais cafés em cafeterias, hotéis ou shoppings, mas passaram a investir em cápsulas e cafés de qualidade em casa”, o que manteve o consumo, venda e exportação de café a um patamar estável. Os entrevistados assumem que os aprendizados que ficam são: investimentos em tecnologia, pesquisa, novas formas de consumo e buscar por qualidade, foram essas as ações que salvaram o café em cada uma de suas crises.

Ao final dessa seção, apresenta-se o quadro resumo da análise dos dados. Nesse quadro, estão sintetizados os objetivos específicos e os principais resultados obtidos através das entrevistas.

Quadro 8 - Resumo da Análise dos Resultados Obtidos

OBJETIVO	RESULTADO
Levantar a representatividade das exportações de café para a economia brasileira em 1929	Principal produto da pauta de exportação, comandava política, economia e aspectos sociais, motor do desenvolvimento capitalista brasileiro pouca preocupação com qualidade, sobras de produção, pouco consumo interno, grandes áreas de cultivo, grande volume exportador
Identificar os impactos da crise de 1929 para a economia brasileira e, em especial, ao setor cafeeiro	Mudanças políticas e sociais, quebras de empresas, bancos e negócios, proibição do plantio de novos cafezais, reestruturação econômica.

(Continua)

(Continuação)

OBJETIVO	RESULTADO
Mapear as principais mudanças implantadas pelo governo e produtores a partir da crise	Criação de órgãos para proteção e regulamentação do café, investimentos nas indústrias internas e incentivo à produção de novos insumos agrícolas.
Analisar o setor exportador de café brasileiro atualmente e seus avanços em comparação com o que existia em 1929	Grande evolução tecnológica e biológica, investimentos em qualidade, pesquisa; quinto produto da pauta de exportação brasileira; órgãos privados que trabalham no setor, porém o mesmo é desregulamentado.
Elencar possíveis aprendizados sobre a internacionalização do café aplicáveis a outros setores econômicos	Investir em novas formas de consumo, tecnologia, sustentabilidade, qualidade e marketing.

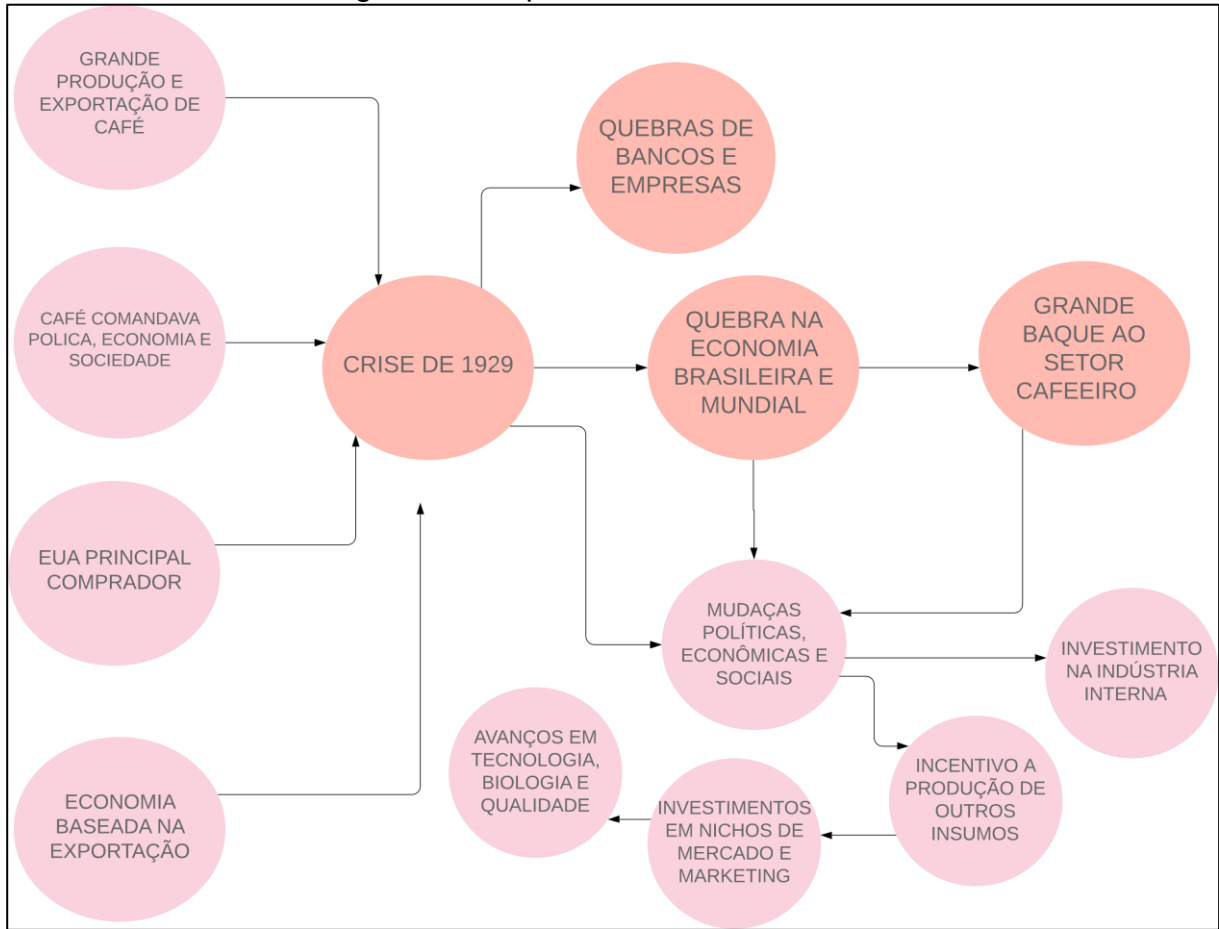
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

#### 4.6 SINTESE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO FINAL

O esquema conceitual apresentado na figura abaixo, tem por objetivo elucidar as informações obtidas com este estudo, sintetizando em tópicos o andamento do ciclo do café. Informações estas obtidas através de pesquisa bibliográfica e entrevistas com os participantes deste estudo.

Através da figura, podemos perceber uma mudança bastante significativa dos aspectos cafeeiros a partir da crise de 1929, quando o Brasil se viu forçado a mudar o modo como sua política e economia eram guiados. A crise levou o mundo a um quase colapso econômico (HOBBSAWN, 2017), que mudou a forma de consumir de grande parte do planeta. A partir dela, o Brasil começou a investir em outros setores, tanto na indústria interna, como em outros nichos do agronegócio, essa atitude levou posteriormente à recuperação econômica e à evolução do Brasil como um todo. Para que, nos dias atuais, o Brasil seja referência no agronegócio, nas indústrias e um país emergente economicamente, apesar das atuais adversidades.

Figura 2 – Mapa conceitual de resultados



Fonte: Elaborado pela autora (2021).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito pertinente, ainda nos dias atuais, tratar sobre a grandiosidade do setor cafeeiro do Brasil. Apesar de seu “ciclo de ouro” ter sido entre 1800 e 1929, o Brasil segue como o principal produtor e exportador de café do mundo, além de a bebida ser a segunda mais consumida mundialmente, ficando somente atrás da água. Os laços do Brasil com o café são muito profundos, sendo impossível separar a evolução do país da evolução do setor cafeeiro.

Considerando esse cenário, o presente estudo buscou identificar as etapas que o setor cafeeiro passou, desde o início de seu plantio, até a realidade observada atualmente. Durante o processo, e através de entrevistas, foi impossível não sentir o carinho que todos os que trabalham com o grão têm por sua história e evolução. Grande parte das famílias vem há diversas gerações mantendo fazendas de café, e se orgulham do patamar alcançado hoje, apesar de as indústrias e órgãos não guardarem muitas informações a respeito dessas figuras que refletem a evolução do agronegócio brasileiro. Após o levantamento dos dados e análise das entrevistas realizadas, foram reunidas informações importantes que contribuiriam para o alcance dos objetivos específicos desta pesquisa.

Com relação ao primeiro objetivo específico, que tratava de levantar a representatividade do café para a economia do Brasil antes de 1929, nota-se que anteriormente à crise, a maior fonte de riqueza do Brasil era o grão. O café era o principal produto da pauta de exportação, regia política, economia e sociedade da época. De acordo com alguns autores, o café foi a porta de entrada para o capitalismo no Brasil. Referente às exportações do período anterior à crise, foi descoberto que o grão era produzido em grande quantidade e quase 100% desta produção era exportada, o principal comprador eram os Estados Unidos que já eram uma potência econômica mundial. O café se mantinha com preços altos, o que incentivava mais produtores a investir no grão, que acabou sofrendo com superproduções antes mesmo da crise de 29.

Referente ao segundo objetivo específico desta pesquisa, que buscava identificar os impactos da crise de 1929 ao Brasil e ao mundo, constatou-se que a quebra diminuiu todo o fluxo de comércio internacional do período a um terço do usual, desta forma, ocorreram quebras de bancos, empresas e setores inteiros. No Brasil, a crise impactou de forma bastante significativa por conta de os Estados Unidos serem

o principal comprador de café brasileiro, impactou esse que levou a mudanças profundas no setor. O terceiro objetivo desta pesquisa buscou identificar as mudanças implantadas no setor cafeeiro no pós crise. Neste caso, foi percebido que através de mudanças políticas, sociais e econômicas, investimentos foram feitos em indústria de base e outros setores agrícolas, além de tratados internacionais para regular os preços do grão e estabelecer cotas de importação. Órgãos foram criados para regulamentar e controlar o setor cafeeiro e, neste período, começam as pesquisas para melhorias biológicas e tecnológicas em todo o setor produtivo.

Quanto ao quarto objetivo deste estudo, que visava analisar o setor cafeeiro na contemporaneidade, constatou-se que, atualmente, o Brasil é referência no agronegócio, tendo investido em cafés *gourmets*, selos de qualidade e diferentes formas de consumo. O setor vem expandindo mercados para a parte oriental do mundo, além de ter desenvolvido amplamente sua indústria interna para automatizar os processos de colheita, separação e torrefação de café. Além disso, pesquisas biológicas tornaram as plantas mais resistentes a pragas e produtoras de cafés de melhor qualidade.

Para responder ao quinto objetivo de pesquisa deste estudo, que tratava de elencar possíveis aprendizados de internacionalização do café para demais setores, percebeu-se que apesar das crises e de se tratar de um setor altamente cíclico, as vendas e consumo de café costumam manter um patamar estável, o que contribui com isso são os investimentos em marketing, qualidade e diferentes formas de consumo. Aprendizados esses que podem ser levados a outros setores, especialmente agora durante a crise do COVID-19, investir em diferentes formas de consumo e promover a imagem do produto, pode ser a chave para alavancar o consumo.

Assim, no que tange ao objetivo geral desta investigação, que buscou elencar possíveis aprendizados de internacionalização advindas do setor cafeeiro, percebeu-se que os principais resultados foram que desregulamentação dos setores, tratados internacionais, investimentos em qualidade, melhorias tecnológicas e biológicas, promoção da imagem do produto e inovação, são os aprendizados que a história do setor cafeeiro tem a disponibilizar.

## 5.1 IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

O presente trabalho contribuiu ao proporcionar um maior conhecimento a respeito da profundidade e grandiosidade da ligação que o Brasil tem com o setor cafeeiro. O país se desenvolveu amplamente em função do grão, além de manter o posto de principal produtor e exportador do produto há quase 150 anos. O café foi e é de suma importância para a economia brasileira, além de atualmente ser referência em qualidade, produção, sustentabilidade e cafés *gourmets*.

Verificou-se que todo o agronegócio brasileiro descendeu da produção cafeeira, que através de sua evolução, queda e nova ascensão, incentivou o processo de produção de novos produtos agrícolas, além de conhecimentos sobre plantio e tecnologia de produção para o agro que adviriam do café.

De toda a história do café, é possível analisar que, através de investimentos em tecnologia, inovação e qualidade, é possível manter relativamente estável um setor altamente cíclico, informação essa que também é útil para demais setores econômicos. O café através de desregulamentação do setor, marketing, sustentabilidade e qualidade, aumentou seu consumo interno no Brasil.

Quanto as contribuições gerenciais deste estudo, é possível destacar a importância da diversificação de mercados, investimentos em pesquisa, qualidade e promoção do produto, ferramentas essas que funcionaram para o setor cafeeiro e podem contribuir para os demais.

## 5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Como limitação do presente trabalho, em relação às implicações teóricas, verificou-se certa dificuldade na busca por informações de pessoas que tivessem vivenciado o período da crise de 1929, ou até mesmo de encontrar famílias produtoras dispostas a conversar. Percebeu-se, ainda, que os órgãos do setor cafeeiro têm grande fonte de informação, no entanto, alguém que vivenciou o período conseguiria ilustrar a realidade vivida de uma forma muito mais clara e rica e as empresas entrevistadas não têm contato ou informação sobre esses profissionais, que seriam de suma importância para retratar o período.

Além disso, percebeu-se dificuldade de se encontrar material bibliográfico que fizesse uma linha do tempo clara sobre os acontecimentos do café, existe um salto de

tempo muito grande entre as informações. Desta forma, fica como sugestão para estudos futuros, buscar por esses profissionais e/ou seus descendentes, a fim de ilustrar, a partir de uma perspectiva mais pessoal e pormenorizada os acontecimentos vividos à época. Outro aspecto que contemplaria um novo estudo, seria a respeito do impacto da crise de 29 ao Brasil, como um todo, e até mesmo no formato de estudos comparativos com o efeito vivido em outras economias do globo.

## REFERÊNCIAS

- ABIC- **A Expansão do café no Brasil**, 2017. ABIC Disponível em: <<https://www.abic.com.br/o-cafe/historia/a-expansao-do-cafe-no-brasil/>>. Acesso em: 10 set. 2020.
- ABIC - **Associação Brasileira da Indústria de Café**, 2013. ABIC. Disponível em: <<http://www.abic.com.br.>>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- ABIC – **História**, 2020. ABIC. Disponível em: <<https://www.abic.com.br/o-cafe/historia/>>. Acesso em: 18 out. 2020.
- Acordos**, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/negociacoes-comerciais/brasil-mercosul-1/acordos>>, acesso em: 19 ago. 2020.
- AIASEC – **Conheça 7 estratégias de internacionalização de empresas**, 2020. Disponível em: <https://aiasec.org.br/conheca-5-estrategias-de-internacionalizacao-de-empresas/>, acesso em: 20 ago. 2020.
- ALBUQUERQUE, M. Pequena; CARONE, E. **República nova**; CARONE, E. República velha; Encic. Barsa (1999).
- ALVES, L. S. Desempenho produtivo de genótipos de café conilon submetidos à condições contrastantes de disponibilidade de irradiância e nitrogênio. **Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil**, 10, 2020. Disponível em: <[www.consorcioquesquisacafe.com.br](http://www.consorcioquesquisacafe.com.br)>. Acesso em 29 maio 2020.
- ARAUJO, Ana Paulo. **Ciclo da mineração no Brasil – História**, 2020. InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/ciclo-da-mineracao-no-brasil/>>. Acesso em: 19 set. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Torrejón De Ardoz: Akal, 1977.
- BELEDELI, Marcelo. **Crise acaba com era de ouro do café no Brasil**. Jornal do Comércio. Disponível em: <[https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/economia/2019/10/709138-crise-acaba-com-era-de-ouro-do-cafe-no-brasil.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2019/10/709138-crise-acaba-com-era-de-ouro-do-cafe-no-brasil.html)>. Acesso em: 08 out.. 2020.
- BELTRÃO, Alexandre Fontana. **HISTÓRIA COMPLETA CAFÉ NO BRASIL**. Revista Cafeicultura. Disponível em: <<https://revistacafeicultura.com.br/?mat=66568>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- BEZERRA, Lohana Monaco, Café, câmbio e indústria na primeira década republicana, [s.l.: s.n.], 2015.
- BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A Arte da Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Canal Tech. Apple. In: Blog Canal Tech. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/apple/>>. Acesso em 04 nov. 2020.

BRAGANÇA, Gabriel Godofredo Fiuza. **PODER DE MERCADO DO CAFÉ BRASILEIRO NOS EUA: ABORDAGEM VIA DEMANDA RESIDUAL**, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/208>, acesso em 07 jan 2021.

BRASILEIRO, Silas. **PLANEJAMENTO E GERENCIAMENTO DA CAFEICULTURA**, 2008. Disponível em: [http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/informe\\_agropecuario/Planejamento\\_e\\_gerenciamento\\_da\\_cafeicultura.pdf](http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/informe_agropecuario/Planejamento_e_gerenciamento_da_cafeicultura.pdf), acesso em: 07 dec. 2020.

CABRAL, Ligia Martins; SÁ, Ana Cristina. **CONHEÇA A HISTÓRIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ (IBC)**. Revista Cafeicultura. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=66569>. Acesso em: 29 out. 2020.

CAFEZEIRO, Lorena Lopes. Exportações de café e financiamento de indústrias no Brasil, uma análise comparativa, 2001. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12418/1/LORENA%20LOPES%20CAFEZEIRO.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CAFÉS especiais do Brasil terão proteção na UE contra imitação e produtores querem alavancar vendas. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, Portal Gov.br Governo Federal, 26 dez. 2019. CAFÉ DO BRASIL, p. 1-1. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/cafes-especiais>. Acesso em: 17 ago. 2021.

**Café no Brasil**, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/cafes/cafecultura-brasileira>, acesso em: 7 dec. 2020.

CANO, Wilson. Crise e industrialização no Brasil entre 1929 e 1954: a reconstrução do Estado Nacional e a política nacional de desenvolvimento. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 35, n. 3, p. 444–460, 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572015000300444&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572015000300444&script=sci_arttext). Acesso em: 25 Set. 2020.

CECAFÉ. **Exportação**. Cecafé. Disponível em: <https://www.cecafe.com.br/sobre-o-cafe/exportacao/>. Acesso em: 05 set. 2020.

CECAFÉ, **Mapa da produção**, Cecafé. disponível em: <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/mapa-da-producao/>, acesso em: 21 set. 2020.

CECAFÉ, **Relatório de exportações**, Cecafé, disponível em: <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/>, acesso em: 23 out. 2020.

Compre Rural. **Cafeicultura gera emprego e renda, apesar da pandemia**. Compre Rural. Disponível em: <<https://www.comprerural.com/cafeicultura-gera-emprego-e-renda-apesar-da-pandemia/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

Conab - Boletim da Safra de Café, [www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br), disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe>>, acesso em: 4 out. 2020.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração** [recurso eletrônico]. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

DARÉ, Raquel. A “crise” do café e a ideologia desenvolvimentista no Espírito Santo. [www.sbicafe.ufv.br](http://www.sbicafe.ufv.br), 2010. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/11335>>. Acesso em: 18 out. 2020.

EMBRAPA (Brasília). **História da Embrapa**: empresa brasileira de pesquisa agropecuária. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/memoria-embrapa/a-embrapa>. Acesso em: 14 set. 2021

**Embrapa Café - Portal Embrapa**, [www.embrapa.br](http://www.embrapa.br), disponível em: <<https://www.embrapa.br/cafe>>, acesso em: 8 dec. 2020.

FERNANDES, Cláudio. Mineração no Brasil Colonial, 2020. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/mineracao-no-brasil-colonial.htm>. Acesso em 17 set. 2020.

FIGUEIRA, D. G. **História**. São Paulo: Ática, 2006. p. 319-322.

FONTANA, Andrea; FREY, James H. Interviewing: the art of science. In: DENZĂ• N, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage, 1994.

FORTUNATO, Mario, **Crescimento do agronegócio favorece a indústria de equipamentos**, Cotrisoja, disponível em: <<http://www.cotrisoja.com.br/crescimento-do-agronegocio-favorece-industria-de-equipamentos/>>, acesso em: 6 dec. 2020.

FRAGA, Constantino C. **Resenha histórica do café no Brasil**, 1963. Engenheiro agrônomo.

FURTADO, Celso. Economia de Transição para um sistema Industrial. In: **Formação Econômica do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

GAZIER, Bernard. **A crise de 1929**. L & PMPOCKET. Paris: Presses Universitaires De France, 2016. Disponível em: <<https://asfiles.com/26lui?pt=YUVNM1JDOXdURGHWUWxWS2VUZFdHV2RHWjBWUVVUMDIPbHEyK0xvN2o2M2IFK2IXNTZVRDEzZz0%3D>>. Acesso em: 9 Oct. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Monique Karine. **O outro lado da crise de 1929**, 2011. 9º Amostra acadêmica Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/9mostra/4/465.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco; TONETO JÚNIOR, Rudinei, **Economia brasileira contemporânea**, [s.l.]: São Paulo Atlas, 2009.

HOBSBAWM, E J. **Era dos extremos o breve século XX, 1914-1991**. [s.l.]: São Paulo Companhia Das Letras, 1997.

**International Coffee Organization - História**. [www.ico.org](http://www.ico.org). Disponível em: <[http://www.ico.org/pt/history\\_p.asp?section=Sobre\\_n%F3s](http://www.ico.org/pt/history_p.asp?section=Sobre_n%F3s)>. Acesso em: 14 set.. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, **A Indústria e o agronegócio brasileiro**, 2018. Disponível em: [https://iedi.org.br/media/site/artigos/20180703a\\_industria\\_e\\_o\\_agronegocio\\_brasileiro.pdf](https://iedi.org.br/media/site/artigos/20180703a_industria_e_o_agronegocio_brasileiro.pdf). Acesso em 4 dec. 2020.

LACERDA, A. C. **Economia brasileira**. 4ª edição. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 68-71.

LIMA, Roberto Guião de Souza. **Ciclo do Café - Portal São Francisco**. Portal São Francisco. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/ciclo-do-cafe>>. Acesso em: 07 set. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos; KRILOW, Leticia Sabina Wermeier, **A Crise de 1929 e seus reflexos no Brasil: a repercussão do crack na Bolsa de Nova York na imprensa brasileira — Página Inicial**, [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br), disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/a-crise-de-1929-e-seus-reflexos-no-brasil-a-repercussao-do-crack-na-bolsa-de-nova-york-na-imprensa-brasileira/view>>, acesso em: 6 out. 2020.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasi, 2012.

MATIAS, Átila. **"Economia do Brasil"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-brasil.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

MELO, Jhonatan Rezende de; SILVA, Nielson Fernandes Muri da; NUNES, Neuza Maria de Siqueira. **CAFÉ: ORIGEM E CONTRIBUIÇÃO PARA A ECONOMIA DO**



BRASIL. **Múltiplos Acessos**, v. 3, n. 1, 2018. Disponível em:  
<<http://multiplosacessos.com/multaccess/index.php/multaccess/article/view/60/45>>.  
Acesso em: 14 out. 2020.

MERGULHÃO, Amanda Duarte. “OS FLUXOS, AS RELAÇÕES E OS AGENTES ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ PRODUZIDO ATUALMENTE NO BRASIL”. **Revista da Anpege**, vol. 13, no 22, 2017, p. 57–85. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.5418/RA2017.1322.0003>. Acesso em 17 agosto. 2021.

MIGUEL, Ángel Blanco; FUNDACIÓN LÁZARO GALDIANO, **Miguel Ángel Blanco : árbol caído : Fundación Lázaro Galdiano, octubre-diciembre 2008**, Madrid: Ministerio De Cultura, Secretaría General Técnica, Subdirección General De Publicaciones, Información Y Documentación, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vizes, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NETO, Guilherme. **Empresas transformam commodities em produtos diferenciados | Mundo do Marketing**. Mundo do Marketing - Você conectado com o mercado. Disponível em:  
<<https://www.mundodomarketing.com.br/reportagens/planejamentoestrategico/3405/empresas-transformam-commodities-em-produtos-diferenciados.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

NOSÉ JUNIOR, Amadeu. **Marketing Internacional: uma estratégia empresarial**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005. 323 p.

OLIVEIRA VERSIANI, M. T. Ribeiro. **Café e câmbio no Brasil: 1890-1906**. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, dez. 1985.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ, **História**, 2020. Disponível em:  
[https://www.ico.org/icohistory\\_e.asp](https://www.ico.org/icohistory_e.asp). Acesso 09 out 2020.

PECH, Guilherme. **Brasil lidera o mercado mundial de café com 15% do consumo total**. Medium. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/brasil-lidera-o-mercado-mundial-de-caf%C3%A9-com-15-do-consumo-total-4877c74b55e6>>. Acesso em: 11 set. 2020.

PÈLAEZ, Carlos Manuel. Análise Econômica da História do Café. In: **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1979.

PELÁEZ, Carlos Manuel. Análise Econômica do Programa Brasileiro de Sustentação do Café, 1906-1945: Teoria, política e meditação. In: MALTA, Mauro Moitinho. *Ensaio Sobre Café e Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: IBC, 1973. p. 195-263.

POCHMANN, Marcio. Brasil sem industrialização: a herança renunciada. Editora UEPG, 2016. books.scielo.org, <<http://books.scielo.org/id/yjzmz>>.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa.** Periodicos de minas. Disponível em: <<https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/periodicos/evidencia-olhares-e-pesquisa-em-saberes-educacionais/>>. Acesso em: 20 Sep. 2020.

RIBEIRO, J.L.D. e MILAN, G. (Org.). Entrevistas individuais: teoria e aplicações. 1 ed. Porto Alegre: FEENG, v. 1, p. 85-106. Ano: 2004. Capítulo de Livro.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SANTOS, L.C. Percepção das estratégias organizacionais e dos fatores críticos de sucesso das micro e pequenas empresas de cafés em Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) –UNB. Brasília, 2011.

SANTOS, M. J. V. **História Geral:** 1º grau. São Paulo: Ática, 1977. p. 241-245.  
SCHRAMM, Theodor. **Lei constitucional.**, [s.l.]: Köln, Berlin, Bonn, München, Heymann, 1971.

SETTE, Ricardo de Souza. Estratégias de marketing para aumento do consumo de café entre os jovens. **www.sbicafe.ufv.br**, 2000. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/783>>. Acesso em: 08 out. 2020.

VALLONE, Giuliana. **Crise de 1929 atingiu economia e mudou a ordem política no Brasil.** Revista Cafeicultura. Disponível em: <<https://revistacafeicultura.com.br/?mat=27265#:~:text=A%20Crise%20de%201929%20atingiu>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

VELASCO, Valquiria. **Política do café com leite.** 2014. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/politica-do-caffe-com-leite/>. Acesso em: 09 out. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bookman, 2001. *E-book*.

ZIEBURA, Gilbert 1984. Weltwirtschaft und Weltpolitik 1922/24-1931. Frankfurt a.M.: Suhrkamp Verlag. 229 pp. DM 14.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO AOS ÓRGÃOS REPRESENTANTES DO SETOR CAFEEIRO

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Curso de Comércio Internacional – Bento Gonçalves

Meu nome é Paola Cássia Rigo, sou estudante de Comércio Internacional, da Universidade de Caxias do Sul.

Estou fazendo a coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão. Essa pesquisa tem o objetivo de compreender melhor as mudanças percebidas no setor exportador de café, após a crise de 1929. Cabe ressaltar, que as informações coletadas são restritas à finalidade acadêmica de conclusão do TCC.

- a) Qual é a sua função dentro da associação/ organização ou no setor cafeeiro?
- b) Você concorda com os autores que chamam a época entre 1800 e 1929 de “ciclo do ouro verde”? Comente.
- c) E de seu conhecimento os efeitos da crise de 1929 para o setor? Se sim, na sua opinião, quais foram os maiores impactos percebidos na época?
- d) Existem dados documentais na sua organização sobre esse período?
- e) Quais foram as mudanças percebidas no setor após a crise?
- f) Que aspectos você acredita que puderam ser aperfeiçoados após a crise cafeeira e como decorrência dela mesma?
- g) Na sua visão, houve melhora em comparação ao período pré-crise? Em quais aspectos?
- h) Na sua visão, quais as estratégias do setor, ligadas à internacionalização que seguem fazendo do Brasil líder nas exportações do grão? E quais avanços proporcionaram esta supremacia?
- i) É de seu conhecimento, ou da organização, empresas ou famílias produtoras de café que atuavam naquela época, e seguem no ramo até hoje?
- j) Quais as principais lições de internacionalização percebidas pelo setor, a partir das mudanças pós-crise?

- k) Você acredita que a superação que o setor passou, referente à crise de 1929, poderia oportunizar aprendizados a outros setores? Em que sentido? Comente.
- l) Trazendo para a perspectiva atual, tais aprendizados poderiam ser úteis no momento atual, em que diversos setores sofrem com a crise da COVID-19?
- m) Por fim, quais as perspectivas futuras do setor cafeeiro para sua atuação internacional?
- n) Há mais algum aspecto que você gostaria de comentar?

<b>CARACTERIZAÇÃO DO RESPONDENTE</b>	
Nome:	
Idade:	
Gênero:	( ) Masculino ( ) Feminino
Formação:	
Tempo de atuação no setor:	
Cargo:	

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO ÀS EMPRESAS DO SETOR CAFEEIRO EXISTENTES DURANTE A CRISE**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Curso de Comércio Internacional – Bento Gonçalves

Meu nome é Paola Cássia Rigo, sou estudante de Comércio Internacional, da Universidade de Caxias do Sul.

Estou fazendo a coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão. Essa pesquisa tem o objetivo de compreender melhor as mudanças percebidas no setor exportador de café, após a crise de 1929. Cabe ressaltar, que as informações coletadas são restritas à finalidade acadêmica de conclusão do TCC.

- a) Qual a sua função na empresa?
- b) Você concorda com os autores que chamam a época entre 1800 e 1929 de “ciclo do ouro verde”? Comente.
- c) É de seu conhecimento os efeitos da crise de 1929 para o setor? Se sim, na sua opinião, quais foram os maiores impactos percebidos na época?
- d) Existem dados, ou lembranças de alguém na sua empresa sobre este período?
- e) Quais foram as mudanças percebidas no setor e na sua empresa após a crise?
- f) Que aspectos você acredita que puderam ser aperfeiçoados após a crise cafeeira e como decorrência dela mesma?
- g) Na sua visão, houve melhora em comparação ao período pré-crise? Em quais aspectos?
- h) Na sua visão, quais as estratégias do setor, ligadas à internacionalização que seguem fazendo do Brasil líder nas exportações do grão? E quais avanços proporcionaram está supremacia?
- i) A empresa direcionada parte de sua produção a exportação? Se sim, qual a porcentagem em relação ao mercado interno?
- j) Quais os principais países cujas exportações são destinadas?

- k) Trazendo para a perspectiva atual, tais aprendizados poderiam ser úteis no momento atual, em que diversos setores sofrem com a crise da COVID-19?
- l) Por fim, quais as perspectivas futuras do setor cafeeiro para sua atuação internacional?
- m) Há mais algum aspecto que você gostaria de comentar?

<b>CARACTERIZAÇÃO DO RESPONDENTE</b>	
Nome:	
Idade:	
Gênero:	( ) Masculino ( ) Feminino
Formação:	
Tempo de atuação no setor:	
Cargo:	